LIÇÕES ELEMENTARES

DE

LOGICA, E METAPHYSICA.

17-24
C-6
29697

LIÇÕES ELEMENTARES

DE

LOGICA,

E

METAPHYSICA,

OFFERECIDAS

A S. M. I. o Senhor D. Pedro Segundo,

IMPERADOR CONSTITUCIONAL, E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL.

PELO

Padre Manoel Joaquim de Miranda Rego,

Natural do Rio de Janeiro, ex-reitor, e lente de philosophia racional no seminario de Jacu-acanga.

Rio de Janeiro.

Na Typ. de R. OGIER e C., ruas do Rozario N. 84, e do Hospicio N. 51.

1839.

V-298,3,27

DEDICATORIA.

Senhor!

Se o Brasil com razão desde já contempla em Vossa Magestade Imperial o seu Anjo Tutelar, esperanças da nação, e egregio protector das artes e sciencias; permitta Vossa Magestade Imperial que, animado d'estes sentimentos, eu pertenda hoje a subida honra de dedicar á Vossa Magestade Imperial este pequeno compendio, intitulado -- **LIÇÕES ELEMENTARES DE LOGICA E METAPHYSICA** --, ainda que fructo correspondente ás debeis forças de seu author.

Digne-se Vossa Magestade Imperial conceder-me a graça de acolher benignamente esta offerta.

Beija a mão de Vossa Magestade Imperial

O mais humilde e fiel subdito

Manoel Joaquim de Miranda Rego.

PROLOGO.

Que o estudo da philosophia racional, he necessario, e indispensavel a hum joven, que se consagra ás letras, he para mim hum axioma; mas, que para muita gente ainda parece hum problema: eu o inculco com Condillac. Nos nossos estudos ou observamos factos, ou por deducção d'elles formamos idéas abstractas; assim a sciencia do homem se divide em sciencia da natureza, cujos objectos são verdades sensiveis, a physica; ou em sciencia puramente da razão, cujo objecto são verdades abstractas, a Metaphysica.

Para o bom exito de nossos estudos, os raciocinios são necessarios para apprehender as relações das cousas physicas entre si; e as idéas sensiveis são necessarias para material das idéas abstractas: já se vê n'este plano, que ellas se prestão mutuos soccorros.

Que a metaphysica deve preceder ao estudo das sciencias praticas he claro: he a sciencia, que prepara e arranja em methodo as potencias intellectuaes: he ella, que ensina o homem a pensar: põe hum joven estudante habil a entrar em qualquer estudo; porque o acostuma a profundar os seus pensamentos, a raciocinar, amestra-o em deduzir huns raciocinios

de outros; e a não parar nas primeiras especies; fa-lo consequente e conforme em tudo o que pensa; descobre os principios, que fazem os systêmas; em fim, eu não duvido affirmar que na aula de metaphysica e logica, he que se gerão os physicos, os jurisconsultos, os politicos, os bons economistas; hum joven bem ensaiado em seus principios, desembaraçado no manejo dos argumentos, será hum grande observador da natureza, e mesmo descobridor.

Hum patriotico dezejo de vêr em meu paiz bem estabelecida a primeira baze das sciencias, me convidou a concorrer para este pensamento, com o pequeno contingente d'este epitome, que tem por objecto *lições elementares de philosophia racional*, desenvolvidas, quanto permittia a estreiteza da obra, com demonstrações; pois que hum simples vocabulario de nomes e diffinições, não póde dar o habito e facilidade de raciocinar, primeiro fructo d'este estudo. Altier, Bek, Jacquier, e sobre tudo Storchenau, forão os authores que proximamente consultei para esta producção.

LOGICA.

Primeira parte.

CAPITULO I.

DA LOGICA NATURAL E ARTIFICIAL.

§. 1.º Em seu lugar se demonstrará, que a nossa alma possue huma faculdade conhecedora das cousas, que se chama, *faculdade de conhecer*.

§. 2.º Esta faculdade ou he dirigida pela prudencia natural, e habito, que desde a infancia adquirimos, de conhecer as cousas, ou he dirigida por principios evidentes, e regras demonstradas: no primeiro caso temos a *logica natural*, no segundo a *logica artificial*.

§. 3.º *Logica natural* he hum habito de dirigir as operaçoes da faculdade de conhecer, com huma noticia confusa das regras, adquirida naturalmente pelo commum exercicio. J se vê quanto he fallivel por isso que se ignorão os melhores principios de raciocinar.

§. 4.º *Logica artificial* he a sciencia, que dirige a faculdade de conhecer com principios certos e evidentes.

Que a logica artificial he sciencia, prova-se.

Sciencia, objectivamente considerada, he huma verdade, ou hum systêma de verdades certas, evidentes, e demonstradas; porêm a logica artificial he hum systêma de verdades certas evidentes e demonstradas; logo: he sciencia.

As proposiçoes da logica estão baseadas em axiomas, e principios infalliveis estabelecidos pela razão, analysados pela meditação e raciocinios; logo: he huma collecção de verdades evidentes.

Sciencia tambem se diffine por habito demonstrativo; porêm a logica he hum verdadeiro habito demonstrativo; logo, he sciencia.

§. 5.º A logica artificial, he necessaria para a intelligencia das outras sciencias: prova-se.

Todo o conhecimento, que podemos ter em qualquer sciencia, he por meio da faculdade de conhecer; porêm a logica he que dirige esta faculdade; logo he necessaria ás outras sciencias. Sem a logica já se vê, que esta potencia da alma, que he a fonte de seus conhecimentos, não acerta, e abisma-se em hum cahos de confusão: ¿quem poderá sem huma demonstração exacta dar huma noticia evidente em qualquer estudo scientifico? como? sem saber encadear os seus raciocinios; combinar suas idéas; tirar legitimas conclusões? E não he a logica, que unicamente se occupa d'este estudo?

CAPITULO II.

DA FACULDADE DE CONHECER, E DA IDÉA.

§. 6.º A faculdade de conhecer põe-se em acto, ou por *idéas*, ou por *juizos*, ou por *raciocinios*.

§. 7.º *Idéa* he a simples representação de qualquer cousa, feita na nossa alma. Se examinarmos o que se passa no nosso espirito, conhecemos que elle muitas vezes contempla simplesmente hum objecto, pára na imagem d'elle, sem nada affirmar ou negar: v. g., concebo a representação de huma campina, fico n'este simples intuito: em fim a idéa he para a alma, como a presença do objecto phisico para o olho corporeo.

Scholio. Fica pois claro, que a idéa he huma affeição ou modificação do espirito (pois provaremos em seu lugar, que a materia não póde cogitar); ora, como se fórma na alma esta especie, este como retrato do objecto, sendo ella espirito; não o podemos saber: com pouca paridade se póde explicar a imagem do objecto physico na nossa alma, com a impressão do sinete na cêra, ou a imagem que se reproduz no espelho.

§. 8.º Não se dá idéa sem objecto : prova-se. Segundo a diffinição *idéa* he a representação de qualquer cousa : logo, não havendo representação , não ha idéa : ter idéa sem objecto , sobre que ella verse , he ter idéa de nada , e nada perceber ; nada percebendo , nenhuma idéa se tem ; logo , não havendo objecto , não ha idéa.

§. 9.º *Objecto de idéa* he qualquer cousa que póde ser representada á alma : toda a cousa cogitavel póde ser objecto d'ella : toda a cousa cogitavel ou he só possivel , ou existente : v. g. , este mundo , que agora vejo , ou outro que ainda não existe.

§. 10. Não só percebemos as cousas , que se passão fóra de nós, como as que se passão dentro de nós mesmos, na nossa alma ; de sorte que as mesmas idéas , que tenho , fazem o objecto d'este conhecimento : isto acontece pela reflexão , que fazemos , sobre o que cogitamos. *Senso intimo* ou *consciencia* he aquella idéa , por meio da qual somos advertidos do que actualmente se passa na nossa alma.

§. 11. Cada hum ente tem suas *notas* que o distinguem dos outros entes : *nota* , he aquillo , pelo que huma cousa se differença da outra : estas notas , humas estão no mesmo ente , outras fóra d'elle , as primeiras subdividem-se em *constantes* e *mutaveis* : *constantes* as que se não podem separar do ente , sem o destruir igualmente : v. g. , a razão no homem ; *mutaveis* as que se podem separar do ente permanecendo elle : v. g. , a sciencia no homem. As que não estão no ente , porêm , que de alguma sorte lhe pertencem , chamão-se *relações* , que são aquellas notas , que se attribuem ao ente , pela comparação , que se faz com outro ente , v. g. , a altura , a formosura , etc.

§. 12. As nossas idéas comparadas entre si podem differençar-se em dous sentidos ; ou em quanto ao *modo de representação* ou em quanto ao *objecto representado:* no primeiro caso ha *differença formal :* no segundo *differença material* das idéas.

**

§. 13. A *differença formal* nasce do que as nossas idéas humas vezes nos apresentão os objectos com mais perfeiçao, e verdade, e outras vezes com menos: procede isto do maior ou menor numero de notas, que percebemos nos objectos; e do modo como percebemos estas notas, ás vezes distinctamente; ás vezes em confuso ou em montao: esta differença deu origem a huma questao em que divergem quasi todos os philosophos, quando tratao de determinar as diversas especies d'idéas. Com effeito he cousa bem delicada poder assignar muitas vezes, huma differença quasi imperceptivel á nós mesmos, entre dous actos de nossas percepçoes. Eu não me quero illudir, campando de appresentar hum systêma numerico de idéas. para terminar essa questão; só direi: que nossas idéas, são tanto mais ou tanto menos claras, e demonstrativas, quanto mais, ou quanto menos notas percebemos no objecto; e este he o fundo de hum prudente systêma.

Leis para adquirir boas idéas.

1.ª Não contemplar ao mesmo tempo muitos objectos, ou muitas notas em hum mesmo objecto.

2.ª Resolver em suas notas o objecto, que se offerece á nossa contemplação; tornar a examinar estas, e proceder nesta acção quanto fôr possivel, para ganhar o fundo da materia.

3.ª Compare-se o objecto do exame com outros já conhecidos, para se descobrir o que tem de commum ou diverso entre si.

§. 14. A *differença material* das idéas, consiste em que cada objecto tem o seu composto de notas, que o determinão, individúão, e distinguem de todo o outro: todas as cousas existentes são determinadas em si pela collecção de notas, que cada huma tem; e por isso todo o objecto existente e singular he individuo. Muitas vezes temos noticia de hum objecto; mas, conhecido com tão poucas notas, que o não podemos determinar: v. g., quando se me diz: hum homem o procura;

por ignorar as outras suas notas, como: nascimento, familia, patria, physionomia, emprego, nome, etc., este objecto visto assim por mim chama-se *indeterminado* e universal; porque as notas, que percebo, podem ser predicadas de muitos; por tanto com a *accumulação* de notas hum objecto se faz para mim singular; e com a abstracção d'ellas, se torna universal; presupposto isto, segue-se:

§. 15. Duas acções faz a nossa alma, que são *abstracção* e *composição*: pela *abstracção*, ella se aparta de muitos objectos, ou de muitas notas do mesmo objecto para contemplar hum só: v. g., não attendo á dignidade, á patria, a figura do sujeito, que conversa comigo, para attender só a sua erudição; *pela composição*, ella augmenta ou descobre notas no objecto, e o determina e singularisa.

§. 16. Pelo que se tem dito, he claro, que toda a cousa existente, he singular; e que os *universaes não tem existencia physica*, ou da parte da cousa; porêm só no conceito de nossa alma, ou huma existencia logica; e quando se possão suppôr dous entes similhantes, com as mesmas notas; são em si dous individuos, e nunca hum universal em si.

§. 17. Qualquer idéa universal involve em si *comprehensão* e *estensão*. Comprehensão he a collecção de notas, que a idéa universal contêm em si: v. g., a idéa animal contêm as notas, vida, e sentido. Por *estensão* se entendem os individuos a quem estas notas competem: v. g., a idéa animal se estende a todos os homens e a todos os brutos.

§. 18. A comprehensão e a estensão são de tal natureza, que augmentada huma se diminue a outra, e vice-versa; porque huma idéa que tem menos notas he mais universal; e a que tem mais notas he mais singular e determinada.

§. 19. O objecto universal se divide em trez classes, *especie*, *genero*, e *differença*; a idéa que os representa toma o mesmo nome.

Especie he aquella nota essencial, ou muitas, em que dous individuos convêm; assim a mangueira, o ananaz, a

roza, etc., são individuos de huma mesma especie, porque concordão na nota essencial —vida—; do mesmo modo o boi, a baleia sao individuos já de outra especie, porque concordão nas notas—vida e sentidos.—

§. 20. *Genero* he aquella nota ou muitas, essenciaes, em que duas ou mais especies concordão: v. g., as duas especies apontadas, concordão entre si na nota *vida*, os vegetaes, portanto, e os animaes brutos comparados entre si fazem o genero—viventes.—

§. 21. Os mesmos generos entre si comparados fazem outros generos mais *superiores*; em fim, segundo o respeito e sentido das combinaçoes, assim se fórmão especies e generos.

§. 22. Differença he aquella nota essencial, ou muitas, pelas quaes o individuo se differença do individuo; a especie da especie; e o genero do genero: nos exemplos dados a differença das duas primeiras especies combinadas entre si, está na nota *sentido*.

§. 23. Já fica dito, que pela abstracção e composição, a nossa alma compõe e decompõe os objectos idealmente; d'aqui se segue que quando concebemos o objecto com sua nota, temos hum *concreto*; e quando a nota sem objecto, ou o objecto sem nota, hum *abstracto*; v. g. considero Boucuet eloquente, ou a eloquencia só.

§. 24. Em qualquer concreto, duas cousas merecem attenção, o objecto e a nota, ou como geralmente se diz *sujeito e fórma*: de tres modos póde a fórma estar junta ao sujeito; e d'aqui resultão tres especies de concretos: *Metha-physico*, quando a fórma inhére ao sujeito de tal sorte, que se não póde reparar, sem que se destrua o mesmo sujeito; assim como, a razão no homem. *Physico* quando a fórma realmente se póde separar do sujeito, subsistindo este; v. g. a sabedoria no homem. *Logico* quando a nota, ou fórma não está realmente no sujeito; mas nós lhe attribuimos pelo nosso modo de cogitar; v. g. cousa amada; (correspondem estes concre-

tos á natureza das notas da prop. 11.) As idéas, que representão estes objectos são, segundo elles, *concretas* ou abstractas.

CAPITULO III.

DOS SIGNAES DAS IDÉAS, ESPECIALMENTE DOS VOCABULOS.

§. 25. Os signaes sensiveis exprimem nossas idéas; estes ou são de acção, ou de articulação; d'onde distinguimos a *linguagem de acção da linguagem de articulação;* mas entre todos os signaes os *vocabulos* tem o primeiro lugar e uso.

§. 26. *Vocabulos* são sons proferidos com voz articulada pelos quaes significamos as idéas concebidas na nossa alma.

Scholio. 1.° As idéas representão as cousas; e os vocabulos as idéas.

Scholio. 2.° A respeito da origem dos vocabulos, os philosophos de bom senso opinão, que o Autor da Natureza, dispondo a nossa organisação com capacidade de os pronunciar, ensinou o primeiro systêma de articulação, e que o arbitrio dos homens, e sua invenção, compôz e decompôz depois novos nomes, e novos idiomas. Erra Psammëtico, rei do Egypto, quando diz que o uso dos vocabulos se funda na natureza *do homem* e das *cousas;* e que naturalmente se desenvolve a expressa-los sem mestre, mais que a mesma natureza: sendo assim, pergunto eu; porque razão, fundando-se a linguagem de articulação em huma necessidade natural, não se falla huma só lingua em todo o orbe; sendo a natureza a mesma para todos os homens; assim como todos, sem mestre sabem chorar, rir, suspirar do mesmo modo? etc., porque os surdos, que aliás não tem *defeito* no orgão da lingua, não fallão? Logo, não está na natureza do homem, e nem das cousas; porque muitas vezes ignoramos a natureza de muitas cousas, e comtudo designamos com seus nomes: e tendo as cousas huma só natureza, deverião ter hum só nome, se este fosse hum seu attributo essencial.

§. 27. Qualquer termo excita duas idéas na nossa alma; hum de si mesmo; isto he, do seu som; outro da cousa que significa; o primeiro chama-se *material*, o segundo *formal*.

§. 28. O termo formal, ou denota realmente alguma idéa, e chama-se *positivo*; v. g. o termo *monte*; ou denota a ausencia, ou falta de alguma cousa; v. g. ignorancia, trévas, e n'esse caso he *negativo*; ou finalmente, nenhuma idéa exprime, e então he *inane*; bem como: circulo quadrado.

§. 29. O termo positivo, que sempre serve para huma só cousa chama-se *proprio*; v. g. Platão; e se compete a muitas, debaixo de huma mesma significação, chama-se *univoco*; quando porêm, ora exprime huma idéa, ora outra, chama-se *equivoco*; v. g. mundo, que já significa o globo terreste; já a collecção de todas as outras cousas creadas.

Scholio. Os termos se fizerão equivocos, ou pela incuria dos homens; ou pela analogia entre duas cousas; v. g. o adjectivo *ardente* predica-se do homem irado pela similhança em que fica com o fogo, na côr da face, nos arrebatados effeitos, etc.

§. 30. Os vocabulos são principalmente para communicarmos aos outros nossas idéas: a nossa conversação ou he *civil* ou *philosophica*, ou *estetica*. Da civil usamos no quotidiano commercio de nossos negocios, e commodos da vida; da estetica para as bellas artes; do philosophico em materias scientificas, a qual nos interessa mais.

Leis para o uso da conversação philosophica.

1.º Quando exprimimos hum vocabulo, que representa huma idéa complexa, e que póde ser tomado em varios sentidos, devem-se enumerar as parciaes de que ella se compoe; por isso as definições são do primeiro uso em materias scientificas.

2.º Desde a infancia nos costumamos a pronunciar nomes, como machinalmente, sem sabermos sua significação; isto, que muito empece na conversação philosophica, he

necessario remediar com o uso opposto, e costume de formar primeiro bem as idéas, antes de explica-las.

3. Como todo o idioma he pobre em termos, com respeito ás idéas, muitas vezes no mesmo discurso hum termo tem diversas significaçoes; o que ainda hoje faz nascer questões, quando se trata de interpretar authores. Houve interminavel disputa entre os cartesianos e peripateticos sobre o calor; porque cada hum estava em seu sentido: deve-se determinar a significação que se dá ao termo já usado em outra.

4.º Não nos occupemos com estilo artificioso, redundante em tropos e figuras, (cousa alheia do philosopho) que só pertende arrebatar a imaginação; e não appresentar a verdade núa ao entendimenlo: — *O estilo do philosopho seja plano, comtudo nitido.* —

CAPITULO IV.

DA DEFINIÇAÕ.

§. 31. *Definição*, he a oração com que explicamos a idéa complexa em suas parciaes. Definido se chama a essa idéa complexa, que se vai explicar: v. g. quero defenir o que he medicina: medicina he o definido; e quando digo: he a sciencia que trata do corpo enfermo, esta he a definição.

Scholio. Como na definição se enumerão e explicão as notas, que se contêm na idéa; está claro, que aquellas idéas, cujas notas não percebemos, não pódem ser definidas: como são todas as idéas simplices, v. g. côr, cheiro, som, etc.

§. 32. A definição, ou he *real*, ou *nominal*.

Nominal he aquella que ainda não mostra o modo como a cousa he possivel; v. g. o eclipse da lua he a falta de luz na lua cheia. *Real* he a que já mostra o modo como a cousa he possivel; v. g. o eclipse da lua he a falta de luz na lua cheia, proveniente da sombra da terra, entre o sol e a lua.

§. 33. As cousas differem humas das outras *sempre* pelas notas essenciaes e attributos; tão sómente *por algum*

tempo pelos modos e relações. Na definição se devem empregar as essenciaes e attributos: v. g. triangulo he o espaço feichado por tres linhas rectas.

A definição porêm que se faz pelos modos e relações, chama-se descripção; assim os botanicos descrevem as plantas; os historiadores, as provincias, as cidades; os poetas, os jardins, etc.

Leis da Definição.

1.º A definição deve ser clara: de outro modo não obtem o seu fim. Será escura: 1.º se na definição entrar o mesmo definido; v. g. logica he sciencia que dá *regras logicas*. 2.º Quando se empregão termos escuros, equivocos, ou inanes; como são muitas de Aristoteles; v. g. esta: movimento he o acto do ente em potencia, em quanto em potencia. 3.º Quando na definição se põe hum termo, que torna a definir-se pelo mesmo definido; v. g. milagre he hum effeito, que não he natural; e o effeito natural, he o que acontece sem milagre; isto he hum circulo vicioso.

2.º A definição e o definido, devem ser convertiveis, salva a verdade; isto he, devem ser taes que se possão substituir, sem que se mude o sentido: como na definição se devem apontar todas as idéas parciaes, que o definido contêm, devem todas as partes juntas igualar ao todo; assim tanto vale dizer: eu estudo botanica; como, eu estudo a sciencia que trata das plantas.

Pecca-se contra esta lei, quando a definição he mais lata, ou mais estreita, que o definido.

3.º A definição consta de *genero proximo, e differença ultima*.

4.º A definição não seja negativa: sendo negativa, não se diz o que a cousa he; porêm o que ella não he; v. g. logica he sciencia, que não trata dos astros: salvo, quando a cousa por escura não póde ser por nós definida affirmativamente;

ou quando se trata de duas contradictorias; porque n'esse caso, negada huma, está a outra affirmada.

§. 34. Já se deixa bem vêr, que a definição involve *divisão* de idéas: *divisão* he a distribuição do todo em suas partes: applicando ao nosso sentido: he a distribuição da idéa complexa em suas parciaes. A idéa que se divide, chama-se *diviso*, e aquellas em que se divide, *membros divididos*; v. g. a logica em natural, e artificial.

§. 35. Quando se torna a dividir o membro dividendo, chama-se a esta operação: *subdivisão*, a qual se póde continuar; e dividindo-se a mesma cousa em dous ou mais sentidos, chama-se *condivisão*.

Scholio. Com a divisão, conhecemos muito melhor os objectos, porque os vemos por muitos lados, e por partes, do que tambem resulta não se attribuir ao todo notas, que ás vezes só competem ás partes.

Leis da Divisão.

1.° Na divisão se devem enumerar todos os membros, que se contêm no diviso, de sorte que todos juntos prefação o todo: he incompleta a divisão; v. g. se divido as profissões dos homens em poetas, e muzicos.

2.° Não deve ter membros ociosos; isto he, produzir partes, que já estão incluidas em outras; v. g. se divido o globo terrestre em Europa, Asia, Africa, America, e *Brasil*.

CAPITULO V.

DO JUIZO.

§. 36. Muitas vezes comparando duas idéas entre si, e descobrindo huma terceira da relação que ellas tem, damos *assenso* á conveniencia, ou repugnancia, que entre as duas descobrimos; então as unimos pela affirmação, ou deparamos pela negação: n'este caso, *julgamos*.

§. 37. *Juizo* he o acto da nossa alma, pelo qual ella dá

assenso á conveniencia, ou repugnancia percebida entre duas idéas.

Scholio. 1.º Facil he marcar a differença, que vai do primeiro acto da faculdade de conhecer, ao segundo que he o juizo: o primeiro vê o objecto, e nada decide d'elle, e o segundo affirma, ou nega.

Scholio. 2.º O juizo não he a *percepção da relação* entre duas idéas, como quer Locke; he mais alguma cousa. Quando julgamos, não percebemos só; decidimos, e como que lavramos a sentença. Na hypothese de Locke, o segundo acto da faculdade de conhecer, nada dista do primeiro, porque tudo fica em simples percepção: segue-se mais, que sendo assim, quando outro me communica hum juizo que fez, e eu o percebo, já eu tambem julguei: esta doutrina não he boa, tanto para a vida civil, como moral; quando alêm d'isto, o juizo he muitas vezes hum acto livre, e sendo assim, elle he sempre acto só do entendimento, e por isso sempre necessario.

CAPITULO VI.

DA PROPOSIÇÃO.

§. 38. *Proposição* he a oração com que exprimimos o juizo concebido na nossa alma; v. g. a alma humana he immortal.

§. 39. Qualquer proposição requer *dous termos*: hum que significa a idéa do sujeito, e outro a do predicado: a *copula* que he o verbo ser no tempo presente, serve para unir as duas idéas, ou separa-las quando he precedida da particula negativa. Tudo mais que se póde encontrar na proposição, são affeições que pertencem ao sujeito ou predicado. Muitas vezes a copula não vem explicita; porêm, junta ao sujeito, ou predicado; v. g. a logica natural he insufficiente; resolve-se a logica natural não he sufficiente.

§. 40. A proposição, ou annuncia o modo como o pre-

dicado convêm, ou não convêm ao sujeito, ou não annuncia: no primeiro caso he *modal*, no segundo *pura*.

§. 41. Quatro são os modos — *necessario*, *contingente*, *possivel*, *impossivel*; v. g. o circulo he necessariamente redondo: o mundo existe contingentemente: he possivel haver habitantes na lua: he impossivel que o circulo seja quadrado.

§. 42. *Proposição simples* he a que contêm hum só sujeito, e hum predicado: *composta* mais de hum sujeito, ou predicado.

§. 43. A proposição composta, he *condicional*, ou *hypothetica*, quando affirma ou nega com qualquer condição, expressa pela particula *se*; v. g. a materia posta em movimento, progredirá sem fim n'esta acção; se, não encontra huma causa externa, que a faça parar. A proposição condicional, compõe-se de duas partes: *condição* e *condicionado*: he na condição que está a razão da verdade, ou falsidade do condicionado.

§. 44. A proposição composta he *causal*, quando a razão porque o predicado convêm, ou não ao sujeito, se exprime pela particula *porque*; v. g. o tabaco adormece, porque contêm partes narcoticas.

§. 45. He *copulativa*, quando muitos sujeitos, ou predicados se unem; v. g. os homens e os brutos, são da especie animal.

§. 46. He *disjunctiva*, quando separa; v. g. a alma humana, ou he substancia material, ou espiritual.

A disjuncção he *completa*, quando enumera todos os membros possiveis; aliás he incompleta, como esta de Cicero: ou a alma humana morre com o corpo, ou depois da morte he feliz: faltou-lhe este membro: ou depois da morte he infeliz.

§. 47. Tres propriedades mais se pódem marcar em qualquer proposição: *quantidade*, *qualidade*, e *opposição*.

§. 48. A quantidade da proposição, consiste em ser

universal, *particular*, ou *singular*: distinguem-se pelos sujeitos.

§. 49. Proposição *universal* he aquella, cujo sujeito he tomado segundo toda a sua extensão; v. g. todo o ente cogitante he espiritual.

Scholio. Deve notar-se, que muitas vezes usamos de notas de universalidade; mas que na realidade não queremos exprimir hum universal rigoroso; porêm em *sentido accommodado*, ou *moral*; v. g. os brasileiros são affaveis, e condescendentes.

§. 50. *Particular*, he a proposição cujo sujeito he tomado segundo parte de sua extensão; de sorte que o predicado não pertence a todos os individuos, que se pódem conter na idéa do sujeito; mas só á huma parte d'elles; v. g. alguns philosophos tem abusado de sua erudição para authorisar erros.

§. 51. *Singular* he aquella proposição, cujo sujeito he individuo, e determinado; v. g. José Bonifacio foi o patriarcha da independencia no Brasil.

Scholio: Certas proposições appresentão huma apparencia de universaes, e são realmente singulares: isto acontece quando se usa das notas *todos*, *nenhum*, etc., collectivamente considerando muitos individuos, como hum só ente ou todo; v. g. o apostolado, etc.

§. 52. As proposições que absolutamente se expressão, sem as notas *todos*, *alguns*, pelas quaes se conheça que ellas são universaes, ou particulares, chamão-se *indefinidas*; v. g. os inglezes são emprehendedores. O meio de as reconhecer he este: se o predicado he nota constante do sujeito, então a proposição he universal: se elle he nota mutavel do sujeito, então he particular; porque não póde competir a todos os individuos, que se contêm na idéa do sujeito; v. g. os homens são prudentes; quer dizer: alguns homens são prudentes.

§. 53. A qualidade da proposição consiste em ser *affirmativa* ou *negativa*. Não se reputa negativa a proposição,

quando a negação não pertence á copula; porêm ao sujeito ou predicado; v. g. o juizo póde ser *não* negativo.

§. 54. Em toda a proposição affirmativa o *predicado denota idéa particular*, e he tomado segundo parte de sua extensão; v. g. a alma humana he espirito: o termo *espirito* não he aqui considerado com toda a sua extensão; aliás seria a alma humana toda a qualidade de espirito.

§. 55. Pelo contrario em toda a proposição negativa, o predicado denota idéa universal, e tomado segundo toda a sua extensão; porque, para com verdade se poder negar o predicado do sujeito, he mister que elle não tenha algum nexo com este; v. g. o ocio não he virtude.

§. 56. Opposição he a pugna de duas proposições entre si; ou em quantidade, ou em qualidade, ou em ambas as cousas.

§. 57. São *contradictorias* duas proposições, que ao mesmo tempo, na mesma relação, affirmão e negão o mesmo attributo; e por isso huma precisamente basta para refutar completamente a outra: d'aqui se segue que duas contradictorias não pódem ser ambas falsas, ou verdadeiras ao mesmo tempo.

§. 58. As proposições usadas em methodo scientifico, tem varias denominações.

Theoretica he a proposição que simplesmente indica o nexo, que ha entre sujeito e predicado; v. g. a alma humana he immortal.

§. 59. *Pratica* he a que affirma ou exige, que alguma cousa se póde ou deve fazer; v. g. para alcançar a gloria, he mister praticar acções heroicas.

§. 60. Estas proposições pratica, e theoretica, pódem ser de natureza, que humas vezes sejão evidentes, entendidos apenas os seus termos; e outras vezes necessitem de demonstração: no primeiro caso chama-se *indemonstravel*, no segundo *demonstravel*.

§. 61. A proposição theoretica indemonstravel, cha-

ma-se *axioma*; v. g. he impossivel que huma cousa seja e não seja ao mesmo tempo.

§. 62. Proposição pratica indemonstravel, chama-se *postulado*; v. g. para formar-se huma recta, conduz-se huma linha de hum ponto a outro.

§. 63. Proposição theoretica demonstravel, chama-se *theorema*: consta de *proposição* e *demonstração*; v. g. *proposição.* — Qualquer proposição consta de dous termos e copula. — *Demonstração.* — Qualquer proposição annuncia o juizo, no qual duas idéas se unem ou separão pela affirmação ou negação; porêm isto só se explica, se dous termos se juntarem ou separarem pela copula; logo qualquer proposição consta de dous termos e copula. Eis hum theorema.

§. 64. Proposição pratica demonstravel, chama-se *problema*: compõe-se de tres partes: a 1.ª exige o que se deve fazer: a 2.ª suggere o modo como se deve fazer: a 3.ª demonstra que d'este modo feita, se obtem o effeito. Chamão-se estas tres partes: *proposição*, *resolução*, e *demonstração*; v. g. este problema logico: 1.ª dar huma boa definição de qualquer cousa. 2.ª Enumerem-se tantas notas da cousa, quantas são bastantes, e se requerem para a descernir de toda outra. 3.ª faz-se huma boa definição, quando se dá huma idéa perfeita e completa da cousa; porêm isto só acontece, quando se enumerão tantas notas, quantas são bastantes e se requerem para descernir o objecto de todo outro; logo: dá-se huma boa definição, quando se enumerão as notas que são bastantes, e se requerem para descernir a cousa de toda outra. Eis hum problema resolvido.

§. 65. *Lemma*, ou *porisma*, chama-se qualquer proposição de outra sciencia, ou de outro lugar da mesma sciencia, a qual se traz a proposito para demonstrar a these presente.

§. 66. *Corollario*, he a proposição que dimana da proposição acima d'ella demonstrada.

§. 67. *Scholio* são explicações ou notas, que se fazem sobre as proposições demonstradas.

CAPITULO VII.

DO RACIOCINIO.

§. 68. He o *raciocinio* o terceiro acto da faculdade de conhecer; define-se: acto de nosso espirito, com que damos assenso ou dissenso á conveniencia, ou repugnancia de duas idéas entre si, conhecida pela comparação com huma terceira; por outros termos: he o acto com que deduzimos hum juizo de outros.

Scholio. Quando nosso espirito ignora a relação que ha entre duas idéas, e por isso não as póde aproximar; tem necessidade de trazer huma terceira idéa que já conheça, para com ella successivamente fazer comparação com as duas, e descobrir então a relação que medeia: illustremos esta operação com hum exemplo: tenho duas massas, huma de ouro, outra de prata: quero saber se ellas convêm em peso; pela simples comparação d'ellas nada obtenho, porque ignoro o peso de cada huma: tomo huma massa de ferro, de peso conhecido; v. g. duas libras: comparo a de ferro com a de ouro, descubro que convêm em peso de duas libras: comparo a mesma de ferro com a de prata, obtenho o mesmo effeito; concluo que a de ouro e a de prata, convêm entre si em peso; sim; se o ente *a* convêm com o ente *b*, e o ente *b* com o ente *c*, segue-se que o ente *a* convêm com o ente *c*: d'este methodo se comparão as idéas no raciocinio.

§. 69. Como se fazem tres comparações em hum raciocinio, está claro que n'elle entrão tres juizos; sem comtudo entrarem seis idéas; porêm só tres, pois que cada huma repetida nas comparações, fazem materia para tres juizos.

§. 70. Os dous primeiros juizos, nos quaes se comparão cada huma das duas idéas com a terceira (que se chama *idéa media*), fazem o *antecedente* do raciocinio, ou as *duas premissas*; o terceiro juizo em que as duas idéas se comparão entre si, chama-se *consequente* ou *conclusão*.

§. 71. Quando o raciocinio he bem deduzido, necessariamente haverá nexo entre o antecedente e consequente; a esta conexão chamão os philosophos *consequencia*, a qual não existe quando o raciocinio he vicioso na deducção.

Exemplo de hum raciocinio verdadeiro.

Todo o corpo tem força de gravitar.

Porêm o fumo he corpo.

Logo, o fumo tem força de gravitar.

§. 72. A differença que vai do segundo ao terceiro acto da faculdade de c' nhecer, he que pelo primeiro, a alma percebe a relação entre duas idéas, por simples acto de intuição; e pelo segundo por discurso.

§. 73. Só tres hypotheses se pódem dar no resultado do raciocinio. 1.º convir a idéa media com as duas; e n'este caso temos raciocinio affirmativo. 2.º convir a idéa media com huma das duas, e não com a outra; e n'este caso temos o raciocinio negativo: se a massa de ferro concorda com a de ouro, e não com a de prata, segue-se qué a de ouro não concorda com a de prata. 3.º Não convir a idéa media com alguma das duas; e n'este caso, nada podemos concluir; porque ainda que nenhuma das duas convenha com a terceira, póde ser que entre si convenhão, e por isso tudo ignoro: fundão-se os raciocinios nos seguintes axiomas.— 1.º *Quando dous convêm com hum terceiro, convêm entre si.*— 2.º *Quando dos dous hum convêm com hum terceiro, outro não, não convêm entre si.* 3.º *Quando dos dous nenhum convêm com hum terceiro, pódem convir ou não convir entre si.*

CAPITULO VIII.

DA ARGUMENTAÇAÕ.

§. 74. Argumentação he o discurso com que exprimimos o raciocinio concebido na nossa alma. A' argumentação se deve applicar tudo, que acabamos de dizer do raciocinio, com proporção.

§. 75. Ha diversas especies de argumentações, sylogismo, polysilogismo, enthimema, epicherema, dilemma, sorites, e inducção.

§. 76. O sylogismo compõe-se de tres proposições, que exprimem os tres juizos que formão o raciocinio: n'estas tres proposições só entrão tres termos, dous *extremos*, e hum *medio*: a primeira proposição chama-se *maior*, a segunda *menor*, a terceira *conclusão*: este he o methodo mais facil de denominar as proposições; ainda que diverso do de muitos logicos; porêm não passa de questão de nome.

§. 77. A *qualidade* de sylogismo conhece-se pela qualidade da conclusão.

§. 78. Chama-se fórma do sylogismo, a posição dos termos e illação da conclusão.

Leis do Sylogismo.

1.ª *O sylogismo só tenha tres termos*: prova-se.

Está claro pela mesma natureza do raciocinio, que só admitte tres idéas: pecca-se contra esta lei, empregando explicitamente quatro termos; ou usando de qualquer dos tres termos em dous sentidos, o que equivale a dous: v. g. todo o extenso he corpo, porêm todo o espaço he extenso; logo todo o espaço he corpo; aqui apparece o termo extenso em dous sentidos, huma vez em concreto, outra em abstracto.

2.ª *O termo medio nunca entrará na conclusão*. A conclusão he huma proposição; huma proposição só admitte dous termos; esses são os dous extremos, segundo as leis do raciocinio; logo não ha lugar na conclusão para o termo medio.

3.ª *O termo medio, ao menos, huma vez seja universal nas premissas*. Tomando-se o termo medio duas vezes particularmente nas premissas; em cada huma d'ellas fica restringido a hum sentido particular, segundo o extremo com quem se compara; e sendo diversos os extremos, nasce necessariamente diversa significação ao medio, o qual, n'este caso, fica com dous sentidos contra a primeira lei.

Scholio. Quando ou no raciocinio, ou no sylogismo apparece nome, ou idéa singular, equivale á universal, porque contêm em si toda a extensão de sua significação.

4.ª *O termo extremo não appareça universal na conclusão quando nas premissas foi particular.* A razão he porque mudaria de sentido contra a primeira lei, e ficando mais lato, affirmava mais na conclusão, do que nas premissas.

5.ª *Ambas as premissas não sejão negativas;* porque sendo assim, segue-se que nenhuma das idéas conveio com a terceira; e n'este caso, segundo o terceiro axioma, nada se póde concluir.

6.ª *Se huma das premissas fôr negativa, a conclusão será negativa;* conforme o segundo axioma, pelo qual se conclue negando a conveniencia.

7.ª *Ambas as premissas não sejão particulares.* Se as premissas forem particulares, e o sylogismo affirmativo; então temos quatro termos particulares nas premissas, dous dos sujeitos e dous dos predicados, porque, como fica dito, em toda a affirmação o predicado he particular: logo está o termo medio duas vezes particular contra a lei terceira; se porêm o sylogismo fôr particular e negativo, só terá huma premissa negativa, segundo a lei quinta; e n'este caso em todo o sylogismo só apparecerá hum termo universal, que he o predicado da premissa negativa (em toda a negação o predicado he universal); seja pois este unico termo universal applicado para o termo medio, segundo a terceira lei; vai-se cahir em outro erro, que vem a ser: como huma das premissas foi negativa, a conclusão tambem o deve ser, e sendo negativa, apparecerá hum dos extremos, isto he, o que n'ella servir de predicado universal; quando nas premissas estavão ambos particulares contra a lei quarta.

§. 79. O sylogismo he composto, quando he *condicional*, *conjunctivo*, ou *disjunctivo*.

Condicional ou hypothetico, he aquelle que tem huma premissa condicional: este sylogismo se estabelece n'esta só

lei : *affirmada a condição , affirma-se o condicionado ; negado o condicionado nega-se a condição* , porque na condição se contêm a razão, porque o condicionado seja verdadeiro : v. g. se a alma humana he livre , ella he digna de premio ; porêm ella he livre , logo he digna de premio.

§. 80. *Sylogismo conjunctivo* ou copulativo , he aquelle que tem huma premissa copulativa : segue esta lei : *affirmado qualquer membro , negão-se os mais* : v. g. não póde a alma ao mesmo tempo morrer com o corpo , e viver eternamente ; porêm ella vive eternamente , logo não morre com o corpo.

§. 81. *Sylogismo disjunctivo*, he aquelle que tem huma proposição completamente disjunctiva : observa esta lei : *affirmado hum membro ou muitos , os mais se negão ; negado hum ou muitos , os mais se affirmão* : v. g. ou he inverno, ou estio, ou outono , ou primavera ; porêm he primavera , logo não he nenhuma das outras estações.

§. 82. *Polysilogismo* he a argumentação composta de dous ou mais sylogismos concatenados : v. g. tudo o que cogita he espirito.

Porêm a alma humana cogita.

Logo a alma humana he espirito.

Todo o espirito he ente simples.

Porêm a alma he espirito.

Logo a alma humana he ente simples.

Todo o ente simples he incorruptivel.

Porêm a alma humana he ente simples.

Logo a alma humana he incorruptivel.

§. 83. *Enthymema* he o sylogismo truncado de huma proposição ; por facilmente poder ser subentendida : v. g. a virtude he amavel , logo a mansidão he amavel.

§. 84. *Epicherema* he o sylogismo , em que se junta á cada proposição a sua prova : v. g. o ente simples he incorruptivel ; porque não tem partes.

Porêm a alma humana he ente simples ; porque pelo com-

posto, não se pódem explicar os actos de cogitação que ella produz. Logo a alma humana he incorruptivel.

§. 85. *Dilemma* he a argumentação que consta de duas proposiçoes absolutas e contradictorias, de tal sorte que com qualquer das duas se argumenta contra o adversario; tambem se chama argumentação *commuta*: v. g. para provar a divindade da religião christã com o facto dos milagres, ou sem elles: ou na religião christã ha milagres, ou não: se ha, ella he verdadeira, porque he obra divina; se não ha milagres n'ella, então nada ha mais sobrenatural e milagroso do que huma religião como a christã, ser adoptada pelo mundo todo sem milagres: logo não he obra humana, concedão-se ou não os milagres.

§. 86. *Sorites ou gradação*, he a argumentação em a qual se encadeião muitas proposições, de maneira que o predicado da precedente, se faz sujeito da seguinte; até que na conclusão se unem o sujeito da primeira proposição, e o predicado da ultima: v. g. qualquer corpo que está em hum lugar, póde hir occupar outro lugar: o que póde occupar outro lugar he mutavel: o que he mutavel, he contingente; logo qualquer corpo he contingente.

§. 87. *Inducção* he huma especie de argumentação, pela qual de cada genero, especie, ou individuo, se conclue para o todo: v. g. o ouro, a prata, o chumbo, o cobre, o estanho, a platina, soffrem liquifacção no fogo; logo todo o metal se liquida no fogo.

A inducção dos membros deve ser completa; e quando seja impraticavel, deve, pelo menos, conter tal numero, que prudentemente satisfaça: assim os physicos, ainda que não tenhão podido e não possão chamar a exame todos os corpos da natureza, comtudo por huma inducção satisfatoria, concluem que todo o corpo tem força de impenetrabilidade.

Scholio. Quando a propriedade que conhecemos no ente he *absoluta*, podemos sem medo concluir das maiores massas para as menores que escapão á nossa vista; assim concluo a

gravitação dos corpos, por mais pequenos que sejão: nao acontece o mesmo quando se trata de propriedades *relativas*; porque os respeitos não permanecem.

§. 88. Sophisma, ou paralogismo, he a argumentação viciosa para enganar e surprehender: v. g. ¿ O que não perdestes, possues? Porêm, não perdestes cem dobloes; logo possues cem doblões.

CAPITULO IX.

DO METHODO E DEMONSTRAÇAO.

§. 89. *Methodo* he o systêma de ordenar os nossos pensamentos para a indagação, ou demonstração da verdade. Ao methodo se deve o bom resultado de nossos trabalhos mentaes; sem elle o melhor talento he hum cháos; he talvez hum rico armazem, porêm tão confundido, que nada utilisa.

§. 90. Quando ignoramos a verdade, vamos buscar soccorro nas idéas medias; n'este caso indagamos: o mesmo fazemos, quando queremos demonstrar a these, que outros ignorão. Estas proposições, que fazem as combinações com as idéas medias já conhecidas, chamão-se *principios*.

§. 91. Estes principios, ou são de natureza *certos* e evidentes, ou *incertos*, ou *precarios*: no primeiro caso faz-se *demonstração*, no segundo *prova provavel*, e no terceiro *nenhuma prova*: o que corresponde aos tres estados em que o nosso espirito póde estar a respeito do conhecimento do objecto: *certesa*, *incertesa*, e *ignorancia*.

§. 92. Este methodo de indagar e demonstrar, corresponde ás duas acções da alma, de composição, e abstracção; e por isso o methodo se devide em *analytico*, e *synthetico*.

§. 93. O methodo analytico resolve huma proposição *singular* em seus *principios universaes*; o *synthetico* partindo dos principios universaes, desce a singularisar huma proposição.

§. 94. Quando indagamos huma verdade ainda desco-

nhecida, servimo-nos da analyse, porque marchamos do conhecido da proposição singular, para o desconhecido; quando porêm tratamos de communicar aos outros a verdade que já descobrimos, approveita então a scynthese; porque os principios universaes, e mais evidentes, com facilidade são bem percebidos.

§. 93. A demonstração he *directa*, quando as provas nascem da natureza da mesma proposição; ou se prove do effeito para a causa; ou da causa para o effeito: *indirecta*, quando dedusimos legitimamente absurdos da proposição contradictoria: n'este argumento, ferimos o adversario com as suas mesmas armas. Este modo de argumentar, ainda que infallivel, e prova a verdade da proposição, demonstrando a falsidade de sua contradictoria; comtudo posto que sempre vence, nem sempre convence: pelo menos o entendimento he havido de vêr a verdade brilhar luz propria.

§. 96. *Circulo vicioso* se commette, quando duas proposições se provão mutuamente: v. g. provar a espiritualidade da alma, pela sua immortalidade, e esta por aquella. O mesmo Cartesio não se póde desculpar d'este erro, quando prova a existencia de Deos, pelas idéas claras e distinctas que temos, e quando pertende demonstrar que temos idéas claras e distinctas, sua prova he a bondade de Deos existente.

Leis para a demonstração.

Determine-se o estado da questão: isto consegue-se com claro e simples uso de vocabulos.

Dividir a proposição em suas partes. Muita attenção á séde do argumento para evitar as longas digressoes, que a poucos passos fazem variar de questão.

Segunda parte da logica.

Tendo já explicado a natureza e leis das operações da faculdade de conhecer; resta sabermos o que he verdade logica, e quaes os indicios para a descobrirmos, e evitarmos o escolho da falsidade.

CAPITULO I.

§. 96. *Verdade logica* he a conformidade de nossa cogitação com seu objecto. Falsidade he o opposto.

§. 97. Como as nossas cogitações se referem, já a hum *objecto interno*, que ás vezes, de facto não existe tal fóra de nós; já a hum objecto que realmente existe, independente de nossa cogitação; nascem d'aqui duas especies de verdades:

Interna, que he a conveniencia de nossa cogitação com o objecto, que realmente não existe fóra de nossa cogitação: bem como: o monstro de Horacio.

Externa, que he a conveniencia de nossa cogitação com o objecto que realmente existe por si: v. g. cogito que a terra he menor que o sol.

Scholio. A verdade interna he sempre clara e infallivel, porque não póde acontecer que a representação não corresponda ao objecto feito pela mesma alma, e que não he outra cousa que a mesma alma, ou sua affeição espiritual: assim são todos os objectos de geometria pura, os quaes sendo de toda a evidencia, não passão de verdades internas, (nunca porêm se esqueça, que a verdade interna, não tem attenção alguma a objectos externos): ao mesmo tempo que a verdade externa, cujos objectos são *independentes, alheios*, e diversos de nós, he mais difficil de conhecer.

§. 98. As verdades que servem de objecto a nossos pensamentos são de diversa natureza: humas são de *materia necessaria*; isto he, quando a proposição he de tal sorte verdadeira, que, sem contradicção, não póde ser falsa: assim

, *o circulo he redondo;* e huma proposição he *necessariamente falsa*, ou de materia impossivel, quando em todo o caso absolutamente repugna: como, *o circulo he quadrado.*

§. 99. Quando porêm a verdade das proposições he tal, que em algum caso póde falhar, sem apparecer contradicção, he de *materia contingente:* v. g. o mundo existe. (Aqui se applica a doutrina dos quatro modos, como o predicado póde competir ao sujeito. §. 41.)

§. 100. A verdade de nossas cogitações se manifesta por *indicios* que contêm em si a razão, porque sejão assim: estes indicios são *sufficientes* quando em nenhum caso falhão, e *insufficientes* se algumas vezes falhão.

§. 101. O que tem *indicios sufficientes*, julga da verdade de seu conhecimento, que nem suspeita admitte de errar; e n'este caso está *certo. Certesa* he o estado de nossa alma adherente á verdade, conhecida por indicios sufficientes sem temor de errar.

§. 102. Segundo a natureza dos mesmos indicios sufficientes, distinguem-se *tres especies de certesas.*

Methaphysica, quando os indicios são taes, que absolutamente não pódem falhar: fundão-se na mesma natureza methaphyca das cousas: v. g. Deos existe, he verdade methaphysica.

Physica, quando não póde falhar, segundo as universaes leis da natureza corporea: v. g. a materia em estado de movimento ou quietação, não muda de acção por si mesmo.

Moral, quando segue as leis da prudencia humana: v. g. nunca o homem ama hum objecto, sem vêr n'elle qualidades com que lhe sympathise.

§. 103. Se alêm do estado de certesa, que per si só já tranquillisa o desejo de nosso espirito; se lhe apresenta huma nova luz, hum sol de conhecimento, temos *evidencia* da verdade.

A evidencia presuppõe certesa, e como d'ella dimana,

divide-se igualmente em tres especies: methaphysica, pratica, e moral.

§. 104. A certesa e a evidencia, póde obter-se de duas maneiras, ou por intuito: v. g. eu cogito; logo existo: ou por discurso: no primeiro caso he *immediata*, no segundo *mediata*.

Scholio. Despresemos o antigo delirio dos academicos, que não admittindo indicios alguns para o descobrimento da verdade, estabelecêrão o seu dogma — *nada he certo* —; se nada he certo, nem isto mesmo que elles dizião.

§. 105. Depois da certesa, o immediato estado da alma he o da *incertesa*, quando apenas obtemos indicios insuficientes. E o estado de incertesa, he o estado medio entre certesa e ignorancia; porêm ainda se subdivide em tres especies ou estados de incertesa: *probabilidade*, *duvida*, e *improbabilidade*.

§. 106. O estado de *probabilidade* he aquelle em que os indicios que apparecem, mais vezes não falhão do que falhão; ou por outro modo apparecem mais indicios *pro* que *contra*.

§. 107. O de *improbabilidade*, he aquelle em que os indicios mais vezes falhão, do que não falhão; ou ha mais *contra* que *pro*.

§. 108. O de *duvida*, he aquelle em que os indicios tantas vezes falhão, como não falhão.

Scholio. Isto se deixa bem vêr em hum exemplo de proporções arithmeticas: os numeros antecedentes mostrão os indicios, que apparecem a favor da verdade; os subsequentes mostrão o numero total dos casos.

0:10, 1:10, 2:10, 3:10, 4:10, 5:10, 6:10, 7:10, 8:10, 9:10, 10:10.

A proporção 0:10 denota ignorancia: 1,2,3,4, improbabilidade: 5, duvida: 6,7,8,9, probabilidade: 10:10 certesa.

§. 109. Argumento de *opinião*, he todo aquelle que se funda sobre qualquer estado de incertesa.

CAPITULO II.

Quaes sejão porêm esses indicios sufficientes e insufficientes, he o de que agora convêm tratar.

§. 110. Pódem-se reduzir a *senso interno*, *razão*, *senso commum da natureza*, *sentidos externos*, *authoridade*, e esta *divina* e *humana*.

§. 111. *Senso intimo*, ou *consciencia*, he aquella percepção interior, pela qual a alma he advertida do seu estado presente: elle me adverte de minha propria existencia, das modificações e affeições que soffro. Por sua natureza nada póde haver mais evidente e infallivel: he *indicio sufficiente da verdade interna*.

§. 112. *A razão, ou evidencia da razão*, he a percepção do nexo, que as verdades tem entre si: *he indicio sufficiente da verdade*: por ella he que conhecemos os axiomas, os principios communs, que fazem os systêmas, e as bazes de cada sciencia, (na parte prycologica trataremos da razão mais diffusamente.)

§. 113. *Senso commum*, he huma natural disposição do espirito humano, dada a todos os homens, que os faz pensar uniformemente a respeito de muitas cousas. A constante experiencia, tem feito conhecer que os homens, posto que differentes em idade, genios, educação, costumes, espalhados pelos cantos do globo, e mesmo incommunicaveis; são todavia conformes em muitos de seus pensamentos, taes como os dictames da religião e lei natural; os primeiros principios de sociedade humana, idéa dos previlegios e direitos da humanidade, de vicio, de virtude, de merito. Assim deve ser: todos os homens possuindo a mesma natureza racional, he muito natural, que pensem da mesma sorte, nos primeiros entes de razão: as sciencias porêm, as artes, os habitos, os usos, são effeitos do maior desenvolvimento de civilisação, do clima de cada paiz, da educação de cada familia; e por

isso tão diversos nos homens; portanto a voz do senso commum da natureza parte da razão, e *he indicio sufficiente da verdade.*

Scholio. Não se ignora porêm, que a barbaridade e os extravagantes vicios de muitos povos selvagens, tem corrompido muitos d'esses costumes geraes, e mesmo apagados quasi muitos dos primeiros dictames da razão; mas pelo menos se póde sustentar, que se o antropophago commette o crime; porque em fim os homens, ainda que racionaes, são livres, não igaora, comtudo, que isto he máo; pois só commette este horror nos seus inimigos.

Objecta-se que muitas opiniões forão geraes, e comtudo falsas; logo a opinião do senso commum póde falhar.

O caracter de huma these do senso commum he tal, que não expira com o progresso dos seculos: he conhecida pelo idiota, e pelo sabio; e com os progressos da civilisação e sciencia, cada vez he mais evidente, e mais nexo appresenta com outras verdades: n'este caso não estão as doutrinas, ainda que muito geraes do polyteismo, que quasi todo o mundo adoptou, da existencia dos Antipodas, que todo o mundo negou, etc.

§. 114. *Testemunho dos sentidos externos* he a idéa que nossa alma tem dos objectos externos, por occasião da impressão, que elles fizerão sobre nossos orgãos sensoreos; que são a *vista*, o *olfacto*, o *paladar*, o *ouvido*, o *tacto*.

§. 115. Este indicio de verdade com certos adjuntos he infallivel, e sem elles muitas vezes duvidoso, e falha: ainda que nossos sentidos externos são dispostos para perceber os objectos, são, comtudo, limitados: d'aqui nasce a necessidade de microscopios, telescopios; e ainda mesmo assim não descobrimos tudo: algumas regras são necessarias para determinarmos os casos em que os sentidos tem criterio, distinguir o objecto peculiar de cada sentido: comparar o testemunho presente com o precedente: confrontar com o testemunho de outro sentido: com o testemunho dos sentidos dos

outros homens: consultar em fim a razão. Os meus olhos mostrão-me o sol com hum diametro de dous pés; mas eu não os acredito porque a minha razão pésa a distancia em que elle está de mim.

§. 116. *Authoridade* he o testemunho de outro, que me move a fazer algum juizo: e como este testemunho póde vir de Deos, ou do homem, ella se divide em *Divina* e *humana*.

§. 117. Para haver authoridade he necessario, que haja *sciencia* e *veiloquio* da parte da testemunha: sem estas duas qualidades, póde enganar-se ou enganar-me.

§. 118. A authoridade só tem lugar em *materia de facto*: para conhecer *materias scientificas* o Author da Natureza outorga a razão ao homem, com capacidade de as perceber por si.

§. 119. A *Authoridade Divina* gosa de infallibilidade methaphysica.

§. 120. A authoridade humana he infallivel em certos casos; pois seria hum absurdo duvidar quando a probidade e o desinteresse apparecem em hum homem livre de prejuisos, e opiniões antecipadas; quando os factos, que conta, não involvem mysterio, ou impossibilidade alguma; quando em fim elles tem nexo com outros factos, que os seguirão, ou precederão. Ao tribunal da razão pertence este exame, e depois póde a *authoridade humana dar certesa moral*.

§. 121. *Fé* he o assenso, que damos á noticia de facto, que outro me communica: assim, creio que Cezar venceo os gallos.

§. 122. Como a authoridade he Divina ou humana, igualmente a *fé he Divina*, ou *humana*. A authoridade humana ou he sufficientemente comprovada, ou não; no primeiro caso he moralmente certa: no segundo póde ser *provavel*, *duvidosa*, ou *improvavel* segundo os indicios.

§. 123. Como a testemunha póde ser, ou não *idonea* (ainda que em obsequio á natureza humana, deve-se ter qual-

quer homem por verdadeiro, em quanto não se suspeita, ou prova o contrario) algumas razoes se apontão para este exame.

Razões para duvidar da veracidade da testemunha.

Quando tem sido surprehendida em mentira, mais vezes, ou por imprudencia, ou, peior, por malicia.

Quando na sua narração ha contradicção ou inconsequencia.

Quando demasiadamente trata das proprias acções, da propria gloria, e commodo: pelo contrario não ha lugar para suspeita, quando apezar de incommodos, e perigos de vida, sem alguma utilidade, attesta livremente; bem como o testemunho dos discipulos de Jesus Christo.

Quando apparece hum estudado estylo, e caprichosos argumentos, deixa motivo de suspeita; porque a linguagem da verdade he simples e animosa.

Razões a favor da testemunha.

Se consta, que a testemunha, tem força e sagacidade necessaria, para comprehender o facto que narra.

Se consta que não he enthusiasta, não se preoccupa de phantasmas da imaginação; porêm attende ao entendimento e razão.

Se tem verdadeiras fontes de sua narração; e não segue rumores populares.

Se a testemunha he occular, coéva, ou domestica: a occular se prefere á auricular; a coéva á mais moderna; a domestica á externa.

Se os mais modernos narrão hum facto antigo de que os escritores d'esse tempo não fazem menção, ha razão para duvidar, salvo quando se apontão graves motivos d'esse silencio.

§. 124. Tradição he huma serie de testemunhos de pessoas, que se succedêrão humas ás outras no decurso de seculos: o seu objecto deve ser hum acontecimento publico, e im-

portante. O argumento de tradição merece attenção e credito; attenta a inclinação do homem a não accreditar facilmente as cousas, não he possivel que huma mentira passe atravez dos seculos, sem contradicçoes, sem mesmo acabar logo depois de seu nascimento: quando porêm remontamos de seculo a seculo, e ouvimos hum facto sempre acolhido, e nunca refutado, até a origem, que se lhe assigna; tem sem duvida o typo da verdade.

§. 125. *Sciencia objectivamente considerada* he huma verdade, ou hum systêma de verdades, certas, evidentes, e demonstradas: v. g., a astrologia, a botanica, etc.

§. 126. *Sciencia formal* he o conhecimento certo e evidente de qualquer verdade.

§. 127. Especialmente se chama *experiencia* aquella sciencia, que obtemos pelo soccorro dos sentidos externos: quando o objecto de experiencia existe tal, sem nosso trabalho, chama-se *phenomeno*, e a experiencia *observação;* assim nascer o sol demanhã e pôr-se a tarde, he hum phenomeno de observação: quando porêm o objecto he preparado pela nossa industria e trabalho, chama-se experimento: v. g., extrahir o ár de hum globo para se conhecer o pêso do mesmo ár.

§. 128. A sciencia tambem se divide em *actual* e *habitual:* actual, quando tenho presente a percepção da conveniencia ou repugnancia da proposição: habitual, quando não a tendo presente, comtudo, quantas vezes attento a ella, entendo tola a relação que ha nas idéas; ou mesmo quando appresentando-se-me as idéas, ou as proposiçoes, a alma não duvida, que seja assim; mas não se recorda das razões, ou provas, porque seja assim: já se vê que nossa sciencia *actual* he muito limitada, e que de ordinario só possuimos *sciencia habitual* das cousas. Quantas vezes acontece que mesmo quando somos authores, e estamos certos que demonstramos nossas theses, suas demonstraçoes não nos occorrem.

CAPITULO III.

DA IGNORANCIA, E DO ERRO.

§. 129. O que não percebe algum indicio da verdade *ignora: ignorancia* he o estado da nossa alma destituido de todo o conhecimento.

§. 130. *Erro*, he o assenso que damos á proposição falsa; ou dissenso á verdadeira.

§. 131. *Prejuiso* he huma opinião anticipada no animo, que dominando nosso espirito, o arma contra a razão: os prejuisos são do *seculo*: nenhum seculo ha que não soffra esta, ou aquella doença de espirito, que podemos chamar, mania do tempo. Prejuisos de *familia*, de *patria*, do *povo*, da *antiguidade*: estas idéas começão desde a infancia a viciar nossa educação, fazem as vezes hum teimoso habito, que só morre no tumulo. Quantas vezes se diz isto não he bom, porque os nossos antigos pensárão de outro modo: razão esta, que fazia a Chrysippo crêr, que os meninos devião ser educados pelos philosophos: prejuisos da authoridade que fazem *crêr*, o que se deve *saber*: erro este das academias de Pythagoras, Aristoteles, etc.

Não são menos palpaveis causas do erro: o estudo superficial, das sciencias, que em vez de deixarem algum proveito inchão e intorpecem o espirito com huma redicula presumpção:

A demasiada confiança de nosso engenho, ou exorbitante amor proprio, que nos previne contra tudo que se oppõe ao nosso modo de pensar: e finalmente a confusão de idéas, nascida da applicação, ao mesmo tempo, a muitos estudos diversos, são tudo causas bem salientes do erro.

. . . . . .

CAPITULO IV.

ARTE HERMENEUTICA.

§. 132. *Arte hermeneutica*, ou de interpretar, he a arte de determinar o sentido que contêm as palavras do author.

Leis de interpretar.

Acompanhando a mente do author não attribuir ás suas palavras outro sentido, se não aquelle que claramente se possa provar: para isto ha trez fundamentos.

1.º Consultar o *uso de fallar* da idade e paiz em que o author exarou seu livro.

2.º *Vêr a sua intenção*, isto se consegue pelas deffinições, pelos exemplos particulares, com que explica sua doutrina.

3.º *A natureza da materia de que trata*; a séde de seus argumentos, o nexo que os antecedentes devem ter com os consequentes.

Attribuir sempre á *melhor parte*; não dar a hum author prudente hum sentido indigno d'elle.

Nunca deduzir com remotas conclusões, consectarios absurdos, que nunca viérão ao pensamento do author.

§. 133. Os livros, que narrão factos chamão-se *historicos*; os que contêm dogmas, ou verdades universaes, dogmaticos; estes quando demonstrão suas theses são *scientificos*, quando não demonstrão, historico-dogmaticos.

CAPITULO V.

DO CERTAME LITTERARIO.

§. 134. *Certame litterario* he a disputa sobre a these, que hum defende e outro impugna.

O que faz conhecer ao combatente a verdade da proposição, que defende, *convence*.

O que demonstra a falsidade da proposição do adversario, *refuta*.

O que só insufficientemente prova a falsidade da proposição contraria, *impugna*.

§. 135. No certame, primeiro que tudo, deve estabelecer-se e determinar-se o *estado fixo da questão*, alias tudo será huma perpetua logomachia: e estabelecer principios evidentes em que ambos concordem. A obrigação do defendente, que vai responder às objecções, que se põe á sua these, he: *negar* as proposições falsas, *conceder* as verdadeiras, *distinguir* as duvidosas, *negar a paridade* mal applicada, *excusar* as cousas, que não vem a proposito, retorquir em fim o argumento contra o mesmo adversario, quando elle nos póde servir de arma para o ferirmos.

METAPHYSICA

GERAL,

OU

ONTOLOGIA.

ONTOLOGIA.

CAPITULO I.

DOS PRIMEIROS PRINCIPIOS DE ONTOLOGIA.

§. 1.º *Methaphysica* he sciencia que estabelece os primeiros principios de raciocinio, e demonstração: examina as propriedades mais universaes e communs aos entes: sóbe ao mais abstracto das cousas, para apprehender as relações, que os entes pódem ter entre si.

§. 2.º Para concebermos hum *ente methaphysico*, basta entendermos no conceito de nossa cogitação aquellas notas, que, não envolvendo contradicção, determinão ser tal ente, e não outro.

§. 3.º Os entes porêm, que fazem o objecto d'este estudo, se reduzem a dous estados: *possibilidade*, e *existencia* ou actualidade: a estes dous pontos se reduz em primeiro lugar, tudo que he cogitavel.

Corollario. Não se dá existencia sem possibilidade; mas póde-se entender possibilidade sem existencia.

§. 4.º Sobre dous primeiros principios de raciocinio, se explicão estes dous diversos estados: 1.º *o principio de contradicção*, que he esta proposição: *he impossivel que huma cousa seja, e não seja ao mesmo tempo*: a qual serve de base aos entes ou verdades possiveis e necessarias: o 2.º he *o principio de razão sufficiente: nada ha sem razão sufficiente*, o qual serve para o estabelecimento dos entes existentes e contingentes.

§. 5.º Por huma operação analytica, os philosophos pertendem achar hum principio, que seja a primeira fonte, ou raiz d'onde brotem, sem excepção, todos os mais principios da razão: este, como centro do circulo scientifico, se encontra no *principio de contradicção.*

§. 6.º O *principio de contradicção he o primeiro principio.*

Prova 1.ª O principio de contradicção funda-se na mesma natureza racional do homem; porque esta he tal, que em quanto o nosso espirito julga que huma cousa he tal, não póde ao mesmo tempo julgar o contrario: ainda que empregasse mesmo sobre nós todo o poderio de nossa liberdade, nunca poderiamos em hum só ponto de tempo, fazer sobre huma só cousa dous juizos, hum affirmativo e outro negativo; d'aqui resulta que por huma força interna confessamos a verdade d'esta proposição: — he impossivel que huma cousa seja, e não seja ao mesmo tempo. —

Prova 2.ª Se houvesse algum principio estabelecido pela razão, anterior ao principio de contradicção, então este poderia ser demonstrado por aquelle, e n'este caso, esse supposto primeiro principio, deveria ser huma proposição evidente; porêm sem presuppôr o principio de contradicção, *tudo póde ser, e não ser ao mesmo tempo:* logo essa proposição não he evidente, porque póde ser falsa, e póde ser verdadeira, porque quem nega, ou não admitte o principio de contradicção, deve forçosamente admittir este outro—*he possivel que huma cousa seja tal, e não seja tal ao mesmo tempo.*

Prova 3.ª Tal he a natureza do principio de contradicção, que quem o nega com a sua mesma negação o confessa: quem nega huma proposição, quer dizer que ella he falsa, porque no seu animo separa a verdade da falsidade; mas isto mesmo he o que ensina o principio de contradicção; logo quem o nega sem querer, argumenta com elle mesmo, como principio de verdade.

Prova 4.ª Quem duvida da verdade do principio de con-

tradicção, com a mesma duvida o prova: quando duvidamos retemos o assenso, temendo dá-lo a huma proposição falsa: já se vê que quem assim pensa, está persuadido que a proposição ou he bem falsa, ou bem verdadeira; mas isto mesmo he o que dicta o principio de contradicção: logo quem duvida d'elle, d'elle mesmo se vale para duvidar.

§. 7.º O principio de contradicção serve de base ás verdades possiveis e necessarias: *possibilidade* he a concordia das notas essenciaes da cousa. Se o circulo se suppõe quadrado; não ha concordia nas notas que essencialmente se requerem para o ser de circulo; e n'este caso, he circulo, e não he circulo. Se o ente 4 se suppõe formado de 3 unidades, deixa de ser ente 4; logo sempre que não houver concordia nas notas essenciaes da cousa, ha contradicção.

§. 8.º Só pódem existir as cousas que são possiveis: duas especies porêm, ha de possibilidades em qualquer ente existente: *possibilidade interna*, he a concordia das notas essenciaes da cousa: *possibilidade externa*, he a efficacia da causa producente externa: v. g. para este mundo existir, necessario foi que elle fosse possivel em si mesmo, e que tivesse hum creador que o tirasse do estado de méra possibilidade, ou do nada em que estava.

§. 9. Segundo os principios dados na logica, facilmente se entende que ha tres ordens de possibilidades: *methaphysica*, *physica*, e *moral*.

§. 10. Toda a verdade cogitavel, ou he *necessaria*, ou *contingente*: *necessaria* quando as notas competem ao ente, de sorte que sem contradicção, não se pódem apartar d'elle, ou sem elle perder o seu ser: *contingente* quando póde perder a nota, ou nós nos abstrahirmos d'ella, sem apparecer contradicção, ou elle deixar de ser: he nota necessaria para a essencia de circulo, a ecquidistancia do centro para a circunferencia; e destruida esta, se destróe a idéa do mesmo circulo: he nota contingente, a existencia que compete aos entes

mundanos: v. g. hum monte, sem o considerar existente, posso-o conceber e formar d'elle idéa.

§. 11. O *principio de razão sufficiente* serve para demonstrar a contingencia dos entes, e todas as verdades contingentes: a razão he que, quando hum predicado se attribue a hum sujeito, e não faz parte da sua essencia, e ser metha-physico, deve ter hum principio, e conhecer huma razão que o une ao sujeito; portanto a verdade necessaria conhece em si mesmo a razão de seu ser; porêm as verdades contingentes necessitão de huma razão externa.

CAPITULO II.

DA REALIDADE, SUBSTANCIA, MODOS, ESSENCIA, ATTRIBUTOS.

§. 12. *Realidade*, he tudo aquillo que no ente ha de *ser*. *Defeito*, he tudo aquillo que falta no ente. Quando a realidade se ajunta com defeito, chama-se *limitada*; ou *finita*, quando não tem defeito; isto he, nada se lhe póde augmentar de *ser* chama-se *illimitada* ou *infinita*: o limite portanto, está na falta de ulterior realidade.

§. 13. *Substancia* he o ente capaz de receber propriedades ou modos: *modo* ou *accidente* são essas affeições, que pódem estar ou não estar na substancia: v. g. —dedo curvo— o dedo he a substancia que soffre a modificação da curvatura, que he o accidente ou modo.

Corollario. A substancia para existir, não depende do modo; mas o modo não póde existir sem substancia, como seu objecto de inherencia: destruida a substancia, se destróe o modo; mas não vice-versa: a substancia existe *per si*; o modo existe *em outro*.

§. 14. A substancia ou he *espiritual*, ou *material*; *creada* ou *increada*: de cada huma se tratará em seu lugar.

§. 15. Essencia he aquella primeira propriedade do ente, ou muitas juntamente, d'onde dimanão as outras: como a força de sentir e raciocinar no homem

Scholio. Já se vê que a possibilidade he a essencia do ente em geral, porque he a primeira qualidade a que todos se redusem; mas em particular cada ente tem sua essencia peculiar; ou elle seja espiritual, ou seja material: v. g. a essencia da planta he a força de vegetação; e assim a pedra, o fogo, o ar, etc., tem sua essencia propria.

§. 16. As propriedades que se pódem encontrar em qualquer ente, alêm da sua essencia, ou conhecem a razão sufficiente na essencia, ou não: no primeiro caso chamão-se *attributos*; no segundo *modos*; mas estes modos ainda se subdividem: ou a razão sufficiente d'elles he interna, (sem comtudo ser a essencia) ou he externa: no primeiro caso os modos são *analogicos*; no segundo *proprios*.

Corollario. Posta a essencia, poe-se os attributos, porêm os modos pódem estar ausentes.

§. 17. Aquellas determinações que não estão no ente, mas que se lhe attribuem por comparação, chamão-se *relações*.

Corollario. Tudo o que se póde conhecer em hum ente, ou he essencia, ou attributo, ou modos, ou relação.

§. 18. *Estado do ente* he a collecção de todas as suas determinações: este ou he *interno*, ou *externo*, segundo as determinações.

§. 19. São as *mesmas*, aquellas cousas, que substituidas humas por outras, tudo permanece como d'antes: pódem ser as mesmas, ou em especies, ou em genero. *Diversas* ou distinctas, o opposto: tanto a *identidade* como a *diversidade*, póde ser *essencial*, ou *accidental*.

§. 20. Quantidade he collecção de muitos: he propriedade que se não póde conceber sem outro. *Qualidade*, he a determinação do ente, que se entende per si só, sem outro: como a sabedoria no homem.

§. 21. Quando hum todo se fórma de muitos reunidos segundo a mesma razão, temos a *ordem*.

Confusão o opposto: ha ordem em huma bibliotheca,

quando os livros estão dispostos na razão de materias, ou de linguas, ou da fórma externa, etc.: este fundamento da ordem chama-se *regra*.

§. 22. Tudo aquillo que no ente concorda para obter o seu fim, he *perfeição*.

§. 23. *Acção* he a força, ou potencia do ente posta em exercicio. *Paixão*, o soffrimento da acção de outro. O ente só obra quando tem *potencia activa*, e soffre quando por sua natureza tem *potencia passiva*: assim a nossa alma tem potencia activa de querer; e o ferro potencia passiva de ficar quente.

CAPITULO III.

DA CAUSA E EFFEITO.

§. 24. *Causa*, he aquillo que contêm a razão da existencia de outro. *Effeito*, o que recebe a existencia por efficacia da acção da causa.

§. 25. Ha diversas especies de causas; mas em sentido proprio só he verdadeiramente causa a *efficiente*.

Causa efficiente he aquella, que pela propria força produz o effeito: quando ella gosa de força que lhe não foi outorgada por outra, chama-se *causa prima*, como he Deos; quando porêm a força que tem lhe foi dada pela causa prima, chama-se *segundaria* como os entes creados.

§. 26. *Causa instrumental*, a que produz o effeito com força alheia.

§. 27. *Causa occasional*, aquella que, sem empregar a sua propria força, dá occasião ou motivo á causa efficiente para obrar.

§. 28. *Causa final* he o fim porque obra a causa efficiente: assim a victoria he a causa final dos combatentes: esta causa he sempre primeira na intensão, e ultima na execução.

§. 29. A causa efficiente he *physica*, quando com a

sua mesma força produz o effeito: como o artifice para a estatua. *Moral*, quando usa de ministerio alheio para pôr o effeito: a causa moral póde obrar, *mandando*, *aconselhando*, *louvando*, *approvando*, não *impedindo* quando póde e deve.

§. 30. Quando a causa obra segundo a vontade, e intensão que teve, obra *per si*, quando o effeito he diverso de sua intensão; obra *por accidente*: v. g. querendo matar huma féra, matei hum homem.

§. 31. Quando muitas causas efficientes se ajuntão para por hum effeito, são *causas socias*.

§. 32. *Causa livre* he aquella, que tendo todos os requesitos para obrar, póde obrar, ou nã› obrar.

Necessaria aquella que, estando todos os requesitos, não póde omittir acção.

§. 33. *Meios*, são soccorros para se obter o fim da acção; estes são *necessarios*, quando sem elles nada se obtem. ou *commodos* quando só facilitão a existencia do effeito.

CAPITULO IV.

DO ENTE NECESSARIO E CONTINGENTE.

§. 34. A determinação que compete ao ente, de taj sorte que o opposto absolutamente lhe repugna, he *necessaria*: a que se predica do ente, de sorte que o opposto lhe póde competir, he *contingente*.

§. 35. *Ente necessario* existente, he aquelle cuja existencia he absolutamente necessaria e essencial. *Contingente existente*, aquelle cuja existencia he nota contingente.

Corollario. Sendo a existencia nota essencial do ente necessario, segue-se que ella não tem principio nem fim; porque tendo-o, então algum tempo ha em que se possa considerar o ente sem sua essencia; e n'este caso, seria e não seria ente necessario; portanto se ha ente necessario, sua existencia não tem principio nem fim, nunca esteve no estado de méra possibilidade.

**

§. 36. *Existe ente contingente.*

Prova-se. A experiencia não deixa duvidar, que todos os entes mundanos são contingentes: muitas cousas que existem, ha pouco não existião; e depois que obtem a existencia não a conservão por muito tempo: a familia dos homens que hoje povôa o mundo, d'aqui a cem annos está substituida por outra; as plantas, os brutos, tudo vai succedendo: dentro de mim mesmo sinto hum principio mutavel; meu ser, meus pensamentos, minhas vontades, minha saúde, minhas posições, tudo he contingente.

§. 37. *O ente contingente deve sua existencia a outro ente.* Prova-se.

O ente contingente existe de sorte que podia não existir; he portanto possivel cogitar n'esta hypothese:

Supponhamos não existir algum ente contingente; para poder existir, ou ha-de dever a sua existencia *á si mesmo*, ou ao *nada*, ou ao *acaso*, ou a *outro ente existente*: se á si mesmo, n'esse caso, seria causa e effeito de si mesmo, o que he hum absurdo, porque em quanto causa, já devia existir antes do effeito: se por exemplo, o ente mundo se creasse a si mesmo, como causa, devia existir no momento *a* para dar a si a existencia como effeito no momento *b*; logo existia no momento *a*, e não existia; e o mesmo no momento *b*: he huma contradicção: *se ao nada*; o nada não he ente existente, o que não existe não tem força para obrar; em fim, nada, nada produz: *se ao acaso*; acaso he termo inane, sem mente, e synonimo de nada, como provaremos em seu lugar: logo resta que o ente contingente deva sua existencia a *outro ente existente*; este outro ente, (continúo com hum dilemma) ou tambem he ente contingente, ou he ente necessario; se contingente, n'esse caso, volta o mesmo argumento sobre elle; e com este methodo vamos entrar em hum progresso infinito de effeitos, e causas contingentes, porque o mesmo principio vale sobre cada hum ente contingente: este systêma incom-

prehensivel, que Epicurio e outros athêos defendem, he falso, como vou demonstrar:

Se cada hum dos entes contingentes *depende de outro* para existir; o mesmo se deve dizer de toda essa perte..dida serie infinita: a razão he clara: huma serie composta de entes contingentes, he tambem contingente; o ente contingente depende de outro; logo essa serie que he toda contingente, depende de outro para existir, e como essa serie, segundo a hypothese, contêm todos os entes contingentes; logo esse outro de quem ella depende, he o ente necessario.

Ente contingente he hum ente insufficiente para existir: multiplicar sem fim entes contingentes, he multiplicar infinitas insufficiencias; e infinitas insufficiencias para existir, nunca pódem fazer huma só sufficiencia; assim como infinitos zêlos nunca farão huma unidade; logo em toda essa serie de insufficiencias contingentes, nunca se poderá achar a causa de sua existencia; logo resta attribui-la ao ente necessario.

Necessidade, e contingencias são cousas muito diversas, (como se vê §. 33.) Se essa serie infinita não depende de outro ente fóra d'ella; então segue-se que he necessaria: essa necessidade ou está nas partes, ou no todo da serie: a estar nas partes seria preciso que cada huma d'ellas ao menos, tivesse hum principio inchoactivo ou insipiente de necessidade; mas ellas como entes contingentes, devem a sua existencia em toda a extensão da palavra, á outro ente; logo não ha esse principio; e se ellas o não tem nem o todo: se hum cégo não vê; nem muitos juntos: se hum pobre não tem dinheiro, peior huma multidão.

Scholio. He este *progresso infinito*, a celebre trincheira, onde se refugião os athêos, para sustentar as suas theses: *O mundo he eterno, não ha necessidade da causa prima para explicar os phenomenos da existencia.*

FIM DA ONTHOLOGIA.

METAPHYSICA

PARTICULAR.

PARTE COSMOLOGICA.

CAPITULO UNICO.

EXPLICAÇAŌ DO MUNDO.

§. 1.º *Cosmologia* he a methaphysica, explicando o mundo corporeo, seus entes, suas propriedades e leis geraes.

§. 2.º *Mundo* ou *universo* he huma serie composta de muitas outras series de entes compostos, huns *simultaneos*, outros *successivos*.

Scholio: quando abrimos os olhos sobre o universo, vemos simultaneos, o sol, a lua, os astros, a terra, e seus entes; vemos as plantas, os homens, os brutos se succederem sem cessar: tudo entre os entes da natureza, he relação, nexo, e dependencia.

§. 3.º O mundo he ente composto e contingente: em ontologia já demonstramos a existencia dos entes contingentes: nenhum vestigio de necessidade apparece no mundo: sem contradicção: sem contradicção se póde considerar o mundo não existente; assim como eu considero em outros, que só são possiveis: logo, a existencia não he n ta essencial para a idéa do mundo.

§. 4.º Opiniões se suscitárão entre os philosophos ácer-

ca da natureza, e origem do mundo: os athêos e materialistas pertendem dar ao mundo o typo de eternidade, para o subtrahirem ao acto da omnipotencia: huns d'elles, nao podendo negar a contingencia, que apparece em cada hum ente mundano, se acolhiao ao progresso infinito, que já refutamos em ontologia. Platao estabelece huma trindade eterna, *Deos*, *alma*, e *materia*, n'este systêma. Deos não he creador da materia, mas tão sómente seu redactor: no tratado de theologia natural veremos quanto repugna a existencia de mais de hum ente eterno e necessario.

Democrito e Epicurio estabelecem o seguinte systêma: hum vacuo de extincção infinita, e hum numero infinito de atomos eternos com imperceptivel grandeza, figuras, infinitamente diversas entre elles, e pêso proporcionado: estes entes, que desde a eternidade se movião no immenso vacuo, forão presos entre si, por hum portuito concurso, de que resultou este mundo aspectavel, e todas as leis que n'elle observamos.

Este systêma he todo contradictorio.

Numero infinito de entes e vacuo de extincção infinita são idéas contradictorias: vacuo, he a capacidade de receber corpos: ora, na hypothese de que já existia o infinito numero de entes; segue-se que todo o espaço, que podia ser occupado já estava occupado; e por isso não havia mais vacuo nem para hum só ente: logo, a idéa de numero infinito de entes, e a de vacuo, não se pódem casar.

Segue-se mais, que os atomos infinitos em numero, encherião todo o espaço; e em hum espaço plenamente cheio, não póde haver movimento: logo, não podia haver esse fortuito encontro.

Concedamos, porêm, que os atomos se movão. A direcção e celeridade dos atomos, era similhante, ou diversa? Diversa, não; porque como em todos havia a mesma necessidade de natureza, por cuja força existião; segue-se que em todos o movimento era o mesmo, a mesma direcção e celeri-

dade; e sendo assim elles se moverião perpetuamente com o mesmo grão de ligeireza, e por linhas igualmente rectas, conservando, por isto, a mesma distancia entre si, em todos os pontos; o que posto, nenhum concurso poderia haver, nenhuma cohesão entre elles.

Com hum só intuito, que se observe a natureza, se entende a futilidade do systêma de Epicurio. Quem de bom senso passeando em hum ameno jardim, onde a arte se ostenta com a natureza; quem comprehenderia, que hum morro desfraldando sobre a campina, casualmente formou todas aquellas elegantes symetrias? A mesma disparidade tem a elegantissima ordem da natureza, sua fórma, suas leis, universações, e estaveis, com o acaso e concurso dos atomos.

Como os atomos sem mente, sem intelligencia, poderáõ produsir seres intelligentes e racionaes? Quem póde dar, o que não tem? Logo, o mundo tem huma causa prima, que o tirou do nada, a qual só póde ser a omnipotencia.

§. 5.º *Fado* he a necessidade absoluta e immutavel, que se oppõe a toda a contingencia e liberdade das cousas humanas. Nada, entre os antigos, havia mais vulgar que a opinião do fatalismo, e nada mais escuro para elles mesmos: apontaremos os principaes fados a que se reduzem todas as idéas fatalisticas.

Fado democrito consistia na necessidade da materia eterna, explicando todos os phenomenos do universo pelo profano systêma dos atomos improductos.

Fado estoico he a necessaria e nunca interrupta serie de causas e effeitos, estabelecida pela immutavel vontade de Deos, sem alguma attenção ás propensões e vontades humanas. No tratado seguinte de psycologia, mostraremos a falsidade d'este systêma, quando tratarmos da liberdade humana.

Fado astrologico, ou genethliacho, he a absoluta necessidade de todas as cousas e successos, nascida da acção do Céo e dos astros: d'aqui dependião os destinos e sina dos homens, etc.

Fado panlheistico era a necessidade permanente da substancia divina a qual he a mesma d'este universo: n'este systêma de Epicurio, Deos he o mesmo mundo corporeo: sendo assim, deveria, de certo, ser hum monstro de extensão, largura, e profundidade infinita, porque os attributos do ente infinito, são infinitos.

§. 6.º Duas especies de forças observamos nos entes da natureza (§. 42 ont.)

Na materia nunca observamos se não actos da força *motriz*. Esta força motriz dos corpos se chama força de *inercia*, porque he indifferente para o estado de quietação ou para o estado de movimento: he de tal natureza que em estado de quietação, nunca mais passará ao movimento, sem que lhe seja dado o impulso e direcção por huma causa externa, e vice-versa. Direcção e celeridade sao as duas qualidades, que se póem encontrar no movimento dos corpos. Em psycologia se provará que a materia não tem força de cogitar.

§. 7.º *Impenetrabilidade* he a força dos corpos, pela qual hum exclue o outro do lugar que actualmente occupa: a constante experiencia d'este phenomeno nos faz crêr que he huma das leis da natureza corporea, mesmo dos corpos liquidos, como observão os chimicos: a *compenetração* dos corpos, que he a simultanea existencia de dous ou mais corpos no mesmo lugar, só poderia succeder, dispensando as leis da natureza, o Creador, que as estabeleceo.

§. 8.º *Leis da natureza* são aquellas normas universaes, segundo as quaes obrão as forças das substancias creadas: o modo constante e invariavel, com que ellas se põe em acto, chama-se curso da natureza. He inutil fazer huma longa desertação, sobre a estupenda e sublime ordem que se observa na natureza: basta pouca attenção para se admirar as constantes vicissitudes da noite e do dia; a successão das estações do anno; o invariavel movimento dos astros: huma razão permanente na geração dos animaes; a identidade das propriedades dos corpos, que são da mesma especie; em fim tudo na

natureza he regra, tudo harmonia: huma pequena flôr, que vegeta no campo, offerece ao observador hum compendio de perfeiçoes admiraveis.

§. 9.º *Milagre* he effeito sobre-natural; quero dizer, effeito que não procede das forças das substancias creadas, obrando segundo as leis da natureza; sendo estas livremente estabelecidas por seu author, não se fundão em alguma necessidade interna, e por isso sem contradicção pódem seguir outra norma, quando comprazer ao seu author.

§. 10. Stratão, cuja doutrina interpretou Codwort, sonhou o systêma da *natureza genetriz* para governar o universo, e explicá-lo: as qualidades d'este monstro philosophico são: estabelecer a ordem e governo d'este mundo, he hum ente sem conselho, e sem consciencia do que faz, obra com certo fim, mas não tem intelligencia, obra fatalmente, he quem vivifica toda a natureza, e nos diversos entes ella he quem obra de diversos modos, desenvolve suas acções nas plantas, nos brutos, e nos homens: este invento pueril só pretende desconhecer a dependencia e relação, da creatura e Creador.

FIM DA COSMOLOGIA.

METAPHYSICA

PARTICULAR.

PSYCHOLOGIA.

CAPITULO I.

DA FACULDADE DE CONHECER EM GERAL.

§. 1.º *Psychologia* he a parte da methaphysica, que trata da alma: tudo quanto ella affirma ou he conhecido pelo *senso intimo*, ou experiencia interna; e pelo *soccorro do raciocinio* e discurso.

§. 2.º Todo o mundo experimenta que os objectos diversos de nós nos são appresentados, e que em nós permanece huma imagem ou similhança d'elles; que possuimos hum principio que percebe, distingue e compara as cousas; que igualmente somos advertidos que isto se passa em nós; á este poder chamamos *faculdade de conhecer*, e o ente que a possue chamamos *alma*. Se a sua natureza he diversa ou não da materia, adiante diremos.

§. 3.º *Faculdade de conhecer*, he aquella poteneia da alma, pela qual ella póde adquirir idéas das cousas: o seu acto *percepção*: a imagem que nos deixa da cousa, *idéa*.

§. 4.º Os objectos de nossas idéas, ou são cousas *sensiveis* ou *insensiveis*: os da primeira classe, ou são appresen-

tados proximamente pelos *sentidos*, ou pela *phantasia*; os da segunda pelo *entendimento* e *razão*.

CAPITULO II.

DA FACULDADE DE SENTIR.

§. 5.º Percebo em mim actos de pura cogitação, e actos que só se pódem explicar pela materia. Homem he hum composto de alma e corpo, ou huma intelligencia servida por orgãos.

Schol. Para explicar os actos da faculdade de sentir, me he mister tratar por hum pouco do corpo humano; não como póde tratar o anatomico; mas tão sómente d'aquellas partes que são necessarias para nosso fim.

§. 6.º *Orgãos sensorios* são aquellas partes do nosso corpo, que soffrendo a impressão dos objectos externos, determinão a alma a perceber as qualidades sensiveis dos corpos.

Duas qualidades de nervos compõe o nosso systêma physico: nervos que só servem para as funcções *vitaes* e *naturaes*; como a chylificação, sanguinificação, movimentos do coração, das arterias, dos intestinos, etc., cujos actos se fazem sem que o espirito tenha consciencia, ou percepção d'isso; e nervos que servem para as funcções *animaes* como sensação, movimentos espontaneos, e imperados pelo espirito, etc. Estes segundos trazem sua origem de hum ponto do cerebro, que se chama *corpo calloso*, pôr ser lugar onde os nervos juntos formão como huma só fibra, e partindo d'ahi se espalhão e ramificão por todas as partes do corpo: estes nervos possuem hum succo subtilissimo, a que chamão *espiritos animaes*.

§. 7.º Muitas razões de experiencia, e a extructura de nosso corpo, nos fazem crêr que o corpo calloso, he o ponto do *sensorio commum*: tem-se conhecido, que estando são o corpo calloso, ainda que todo o mais cerebro esteja offendido, a alma não sente obstaculo nas suas operações; e pelo contrario, este offendido, cessa toda a cogitação.

Em 1741 Peyronie, por molestias, tinha huma parte do cerebro tirada, que fazia patente o corpo caloso: observou-se que apenas posto o dedo levemente sobre o corpo caloso, o homem perdia todo o uso de suas idéas, e logo que era retirado, tornava o uso das faculdades: aqui se crê ser a séde da alma.

Corollario. Parece que os objectos fazendo impressão sobre os orgãos, esta impressão he fielmente communicada pelos nervos ao corpo caloso, e ahi a alma percebe o objecto externo; porêm explicar o modo como o objecto passa representado pelos orgaos de qualquer dos cinco sentidos, he segredo da natureza.

§. 8.º As sensações, como diz Malebranche, pódem ser *gratas* ou *ingratas*. As fibras no seu estado perfeito, tem huma flexibilidade e extensão; ou se assim posso dizer huma affinação, que lhes he propria; quando as impressões são mais fortes para a sua natureza, segue-se huma vibração e movimento violento ou dôr, que se chama *sensação ingrata*; quando porêm os objectos levemente fazem huma impressão meiga, produz-se a *sensação grata* ou *telillação*.

Tambem as sensaçoes ingratas pódem trazer sua origem, não do choque dos objectos, porêm da sua má construcção, ou estado molesto; e n'esse caso o leve contacto produz dôr.

§. 9.º *Estado de vigilia* he aquelle em que a alma tem consciencia de suas sensações: somno o opposto: este mesmo estado de somno não he sempre o mesmo; e essa differença procede da maior ou menor presença de espiritos: mas isto toca á medicina.

CAPITULO III.

DA FACULDADE DE IMAGINAR.

§. 10. *Faculdade de imaginar* ou *phantasia* he o poder que tem a alma de representar á si os objectos ausentes: o

acto d'esta potencia chama-se *imaginação;* a idéa que resulta, *phantasma*.

§. 11. O objecto que agora reproduzo pela phantasia, póde-se appresentar ou em *todo* ou em *parte*, como era d'antes. Muitas vezes acontece que a nossa phantasia, juntando idéas parciaes de diversos objectos, que ella já tinha percebido, fórma com ellas hum objecto novo e nunca visto: o que de ordinario acontece nos sonhos: n'este caso, a phantasia toma o nome de *faculdade de fingir*.

Corollario. Por lei ordinaria da phantasia, acontece que excitada em minha alma huma idéa, esta traz muitas outras, com as quaes tem alguma relação ou analogia; ou de tempo, ou de lugar, ou de similhança, etc.: v. g. quando encontro hum homem que sempre estava junto a meu pai, a sua vista traz-me logo a recordação de meu pai: quando vejo a estatua de hum homem illustre da antiguidade, esta idéa me dispertá maitos successos da historia d'essa época.

CAPITULO IV.

DA MEMORIA.

§. 12. Póde a phantasia reproduzir-me a idéa já tida em outro tempo, e comtudo eu não a reconhecer como tal. *Memoria*, portanto, he a faculdade de reconhecer as idéas reprodusidas pela phantasia; isto he, quando o espirito está certo, que a idéa, que tem agora, he a mesma que já teve. A memoria dos homens he diversa, e admitte gráos de perfeição.

Esquecimento he a impotencia de reconhecer as idéas appresentadas pela phantasia.

CAPITULO V.

DA FACULDADE DE ATTENDER, REFLECTIR, ENTENDIMENTO, E RAZAO.

§. 13. *Faculdade de attender* he aquella pela qual nosso espirito presta a sua applicação mais a huma idéa que a outras, para a perceber mais claramente: *attenção* he o seu acto.

§. 14. *Faculdade de reflectir* he a attenção successiva que a alma emprega sobre as partes, ou notas do objecto que se lhe apresenta.

§. 15. *Entendimento* he a faculdade de perceber as cousas distinctamente: *agudeza de entendimento* he a facilidade de discernir muitas cousas promptamente em hum só objecto: *profundeza de entendimento* he a facilidade de penetrar as notas do objecto, e desenvolvê-las de novo: entendimento engenhoso he aquelle que sabe descobrir as similhanças, e igualdades que o objecto póde ter com outros.

§. 16. *Razão* he a faculdade de perceber o nexo que as verdades universaes tem entre si. Leibniz a chama *cadeia de verdades*.

§. 17. Exercicio he a frequente repetição das mesmas acções; este produz a facilidade, e a facilidade o *habito*.

Os habitos são mentaes ou corporeos; os primeiros se versão sobre idéas do bem ou do mal, chamão-se *moraes*; e estes ou são vicios ou virtudes.

CAPITULO VI.

DA FACULDADE DE APETECER, E AVERSAO.

§. 18. *Prazer* he a affeição que a alma experimenta, quando no objecto reconhece alguma perfeição ou real, ou apparente. *Tedio*, quando percebe o mal ou imperfeição no objecto: d'aqui nasce a *appetição* e *aversão*, que não he mais

que a inclinação que o prazer gera para o objecto, ou a declinação do animo que o tedio causa.

Scholio. Nada ha sem razão sufficiente: muitas vezes parece que antes de percebermos bem ou mal no objecto, sympathisamos ou antipathisamos com elle; mas não he assim: os actos de nosso espirito, passão-se rapidamente, e em hum só intuito; a alma descobre motivos para inclinar-se ou fugir do objecto: portanto, a percepção do bem ou do mal, são a razão sufficiente da aversão, ou appetição.

§. 19. *Estado de indifferença* he aquelle em que a alma não descobre no objecto nem mal, nem bem.

CAPITULO VII.

DA VONTADE E LIBERDADE.

§. 20. Vontade he a faculdade da alma, pela qual ella póde determinar-se a eleger o bem que appetece, ou fugir o mal que aversa; dominar em fim suas acções: os actos d'esta faculdade sao *volição e nolição.*

§. 21. Os actos pendentes da vontade, ou immediatamente nascem d'ella, que são as *volições e nolições*, ou são postos por outras faculdades por imperio da vontade.

§. 22. Distingue-se a liberdade em *liberdade de coacção*, e *liberdade de necessidade*. *Livre de coacção* he aquelle ente que não póde ser obrigado por hum principio externo. *Liberdade de necessidade* he a emunidade de hum principio interno, fundado na mesma natureza do ente, o qual o obrigue a obrar: assim a pedra não he livre de necessidade no acto de gravitação que poe; mas huma força natural necessariamente a determina a pôr este acto.

§. 23. *Liberdade* he a vontade que tendo todos os requesitos para querer, póde á seu arbitrio querer, ou não querer, ou deixar de querer.

§. 24. A alma humana gosa de liberdade.

Prova 1.ª O testemunho do senso intimo, nos asseguza

que somos cogitantes, como que somos livres: que dentro de nós nada ha, que nos obrigue a querer ou não querer alguma cousa: não he a nossa alma como o fogo, que não póde deixar de queimar, quando se lhe ajunta a materia combustivel; este, por sua natureza, he obrigado a queimar; porêm a alma, ainda que se lhe appresente hum bello objecto, póde resistir a elle.

Prova 2.ª Nenhum louvor merecerião nossas acções, não serião dignas de premio ou punimento, se não houvesse a idéa de liberdade: he este o pensamento de todo o mundo, ainda dos homens mais barbaros: ainda não constou que alguem premiasse acções necessarias; porêm só aquellas que se entendem nascer de nosso livre arbitrio: he *este hum argumento do senso commum da natureza*.

Prova 3.ª As leis moraes, que previnem os males, que promettem premios ás acções futuras, todo o systêma dos governos, seria huma quiméra, huma loucura dada a hypothese que obramos necessariamente. Alguns philosophos que prégárão a doutrina da necessidade de nossas acções, nunca seguirão a sua pratica; levarião a mal as injurias que se lhes fizessem, terião cuidado da vingança; conhecião a gratidão e amisade. ¿Ora, para que ressentimentos, para que desforços, quando aquillo que nos desgostou, não podia deixar de acontecer? Já se vê que a idéa da necessidade se poe diametralmente ao coração de todos os homens.

Scholio. Póde hum homem, he verdade, ser obrigado por huma força externa a pôr hum acto, que sua vontade recusa: v. g. quando me arrastão, quando á força fazem a meu braço dar hum golpe, etc.; mas n'este mesmo caso, eu sou tão livre como era, e minha liberdade não fica coacta: estes actos não são meus, minha liberdade relacta, e faz actos para o opposto; e eu sendo assim forçado *soffro*, e não *obro*: he huma paixão, e não huma acção: a acção que existe he do agente que me obriga, e eu não sou mais que hum instrumento nas suas mãos. Logo não ha principio externo, que

obrigue á minha vontade a querer o opposto do que ella quer, e sou livre de coacção.

Quando, porêm, o negociante á vista da tempestade, lança suas cargas preciosas ao mar para salvar sua vida, parece que elle mesmo, obrigado pela razão, obra contra sua vontade; mas de facto, elle obra livremente: o entendimento offerece á vontade dous partidos, ou morrer com as fazendas, ou salvar-se sem ellas; elle póde fazer o que quizér, e quando prefere a vida, he por escolha sua, e por consequencia livre de necessidade interna.

§. 24. *A alma humana he ente simples espiritual.*

Prova. Em nós ha hum ente cogitante,
Mas, a materia não póde cogitar
Logo, o ente que em nós cogita, não he material
Mas, se não he material, he espiritual
Logo, o ente que cogita em nós, he espirito.

§. 25. A materia não póde cogitar.

Prova 1.ª Concedamos por hum pouco, cogitação á materia. Materia he ente composto, que tem partes distinctas humas das outras; se ella cogita ou cada huma das partes; tem força de cogitar, ou não tem: se as partes não tem, menos o todo, porque todo não he mais que partes unidas de certo modo, e só da união não póde nascer huma força activa de cogitação, porque união em si he hum accidente; e assim como de qualquer modo que se combinem muitos zéros, nunca resultará huma unidade; tambem de qualquer modo que se combinem partes que não tem força de cogitar, nunca resultará huma cogitação: logo he necessario que cada huma das partes tenha força de cogitar, (que he a segunda parte do dilemma): essa força em cada huma das partes, será completa ou incompleta? Se completa, então cada huma das partes he hum ente cogitante; e tantos serão os entes cogitantes, quantas são as partes do corpo; porêm, isto não póde ouvir o senso intimo que me diz, que em mim só ha hum *eu cogitante*: logo resta que cada huma das partes tenha força in-

completa, ou incoactiva de cogitação, e que reunidas façáo huma só força completa, o que tambem se não póde entender, porque he impossivel esta conspiração de forças incompletas, quando se trata de forças de cogitar; o que não acontece com as forças motrises: toda esta impossibilidade nasce da natureza da força de cogitar: as forças motrises tendem á hum termo externo diverso d'ellas, onde se pódem ajuntar e fazer huma força completa; mas as forças de cogitar, como forças representativas a si mesmo, tendem a hum termo interno n'ellas mesmas; isto he, qualquer cogitante representa a si, e não a outro; cogita para si, e não para outro: v. g. hum composto, cujas partes *a b c* tem força incompleta de cogitar: e *a* cogita, representa a si e não a *b*; se *b* cogita, representa a si e não a *c*; e *c* da mesma sorte; d'aqui se segue que he impossivel tal conspiração ou cogitação em commum; porque ignorava huma, o que fazia a outra: logo não póde haver cogitação no todo; e não póde haver nas partes de per si, porque como incompletas são insufficientes para cogitar.

Prova 2.ª Se a cogitação estivesse nas partes, o orgão olfatorio perceberia, por exemplo, o cheiro da roza; e o orgão optico a côr: cada hum ficaria com a sua percepção separadamente; e sendo assim, não podia eu comprehender que cheiro e côr, estavão em hum só objecto, nem distinguir huma cousa da outra; porêm, o senso intimo me adverte que eu sou aquelle mesmo, que á hum tempo percebo cousas diversas, comparo-as, e marco a similhança que ha entre ellas.

Prova 3.ª Se he a materia que cogita, como podemos nós perceber e ter idéa de cousas que nunca fizerão alguma moção sobre nosso corpo; como idéa de Deos, virtudes, vicios, principios moraes, espaço, vacuo, possibilidade das cousas, etc.?

Prova 4.ª Para a materia formar hum juizo, seria necessario que em huma só parte d'ella, se reunão as duas idéas do sujeito e do predicado: mas isto he impossivel, como vou demonstrar: o acto capaz de ser posto pela materia, he o mo-

vimento, logo a cogitação da materia he o seu mesmo acto de movimento: para julgar era mister dous movimentos em huma só parte, para hum appresentar a idéa do sujeito, e outro a do predicado: ora, segundo os principios de mechanica, dous choques ou movimentos em hum corpo se confuna em hum só mais intenso: isto se vê bem no tremor da corda de hum instrumento, o qual sempre he hum só, ainda que lhe demos duas pulsaçoes á hum tempo: para julgar, he necessario que ao mesmo tempo estejão presentes distinctamente as duas idéas; e pelo movimento já se vê que nada se explica.

Prova 5.ª No espaço de muitos annos, pouco, ou quasi nada, conservamos de nosso antigo corpo, porque as substancias se vão mudando em outras, perdendo-se humas que são substituidas por outras, e se algumas restarem, estão perturbadas e confundidas com as novas: ora, quando hum homem tem trinta annos, terá por ventura ainda o corpo que tinha aos cinco? De certo que essas partes da materia, que cogitavão quando tinha cinco annos, já não existem: como porêm, se poderião lembrar tantos actos da infancia?

Prova 6.ª Quantas vezes os sentidos nos affirmão huma cousa, que huma voz interna nega: hum bastão mergulhado na agua, o sentido mostra curvo; ora se o corpo fosse o ente que em mim cogita, eu não poderia ter se não idéa de curvatura; n'este caso, no entretanto me convenço do contrario do que vejo. Logo o ente que cogita em mim, não he substancia material.

Prova 7.ª Sentimos em nós hum ente cogitante, hum ente com potencia de principiar por si a acção, e para-la por si; porêm a materia não appresenta á nossa experiencia se não inercia: logo, o ente que em nós he o motor do movimento, não he material. Logo, o ente que em nós cogita, he huma substancia espiritual.

CAPITULO VIII.

DA EXISTENCIA DA ALMA NO CORPO, E DO COMMERCIO ENTRE ESTES.

§. 26. A alma não está em todo o corpo, mas só no cerebro: a experiencia o demonstra: 1.º cortada, ou fortemente ligada huma parte qualquer do corpo, cessa n'ella toda o movimento, sensação, e acção: 2.º Cartesio, conta que estando huma menina enferma de huma mão, faziao-lhe o curativo vendando-lhe os olhos; foi, em fim, necessario cortar o braço até o cotovêlo, por causa da gangrena; e hum braço ficticio de panno, enganava a joven a respeito da existencia de seu braço; ella entretanto se queixava de dôres nos dedos da mão que já não possuia: 3.º destruida, ou apodrecida, diz Boerhavio, a medula do cerebro, toda a acção dos nervos, que nascem d'elle, cessa; ainda que elles aliás estejão perfeitos: quando pelo contrario, consta por muitos exemplos que só ha sensação, quando o sensorio está illeso: logo, a alma está onde sente, e não se póde mesmo comprehender, como a alma sendo substancia simples, esteja em todo corpo extenso.

§. 27. Ninguem póde deixar de perceber, e sentir a harmonia, dependencia, e correspondencia que ha entre o corpo, e alma humana. A certos movimentos do corpo, correspondem logo certas affeições no espirito; com as affeições d'este, se excitão movimentos correspondentes no corpo: quanto mais vehemente he o affecto da alma, tanto maior o movimento physico, e vice-versa.

§. 28. Quatro são os systêmas, com que os philosophos tem querido explicar o commercio da alma com o corpo: huns suppõe hum commercio apparente, e outros real: demos idéa d'isto.

1.º O systêma das *causas occasionaes*, explicado por Malebranche, diz: que Deos immediatamente produz as acções na nossa alma, segundo as impressões feitas no corpo; e

move elle mesmo o corpo, segundo as volições e determinações do espirito: n'este systêma, o commercio he apparente, porque nega á alma o poder de mover o corpo, e de perceber por meio d'elle.

2.º Leibnitz se glorcia de ter achado alguma cousa mais philosophica, com o systêma da *harmonia preestabelecida*: faz da alma e do corpo dous authomatos; e explicados com dous relogios, que trabalhando independentes, são comtudo exactos, e uniformes nas horas: diz que Deos creando qualquer alma, escolhe huma no numero dos possiveis, a qual seja uniforme em todas as suas cogitações com as acções do corpo á que se vai unir: e assim poe total independencia entre alma e corpo: n'este systêma, as acções da alma e corpo fazem duas series, em que a razão do acto consequente, está no acto antecedente; e por isso nega toda a liberdade e contingencia ás acções humanas.

3.º A invenção do *mediador Plastico*, se deve a Codworth: suppõe a existencia de hum agente entre alma e corpo, o qual serve como de seu correio; este ente gosa ao mesmo tempo de natureza material, e immaterial, para se poder communicar com as duas substancias de diversa natureza. Este amphibio philosophico, vem a ser ao mesmo tempo extenso e inextenso: tem partes, e não tem partes: he inerte, e he activo; em fim, he *nada*.

4.º O systêma, em fim, do *influxo physico*, he aquelle que estabelece a mutua e real dependencia, e acção entre alma e corpo: n'elle, certas affeições do espirito conhecem sua razão sufficiente nos movimentos organicos, e estes, nas determinações do espirito.

Não ha razão para regeitar este systêma; pelo contrario, he mais philosophico que os outros tres: he natural, e inteiramente conforme com os phenomenos, que a todo o momento experimentamos: por outro lado, he do philosopho não recorrer a causas extraordinarias, quando póde explicar as cousas por causas naturaes.

He huma difficuldade apparente, o dizer-se que não póde existir commercio entre duas substancias de diversas naturezas; mas difficil he dizer-se que o Author da natureza, collocando estas duas substancias em hum só individuo, não póde achar hum meio de fazer real sua união, e que podendo outorgar ao espirito potencias tão superiores, não lhe póde conceder a força de mover corpos, que neahuma contradicção involve com a idéa de espiritualidade.

CAPITULO IX.

DA NATUREZA E ORIGEM DAS IDÉAS.

§. 29. *A alma sempre obra.* A vida consiste na acção: a vida da alma está na sua natureza: esta, he a força de cogitar: o ente vivente, no momento em que não faz acção de vida, está morto; no momento em que a alma cesse de cogitar, não existe; assim como a vegetação he a vida da planta, e no momento em que parar seu acto, ella morre.

§. 30. As nossas idéas, ou são *adventicias*, ou *factícias*: as primeiras são aquellas, que proximamente nos vem por meio dos sentidos; as segundas, as que formamos por meio das faculdades de abstrahir, compôr, reflectir, etc., trazendo origem das *adventicias*: d'aqui nasce o axioma *Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu.* D'est'arte se formão as idéas abstractas, moraes, de Deos, etc.: pelas combinações e conclusões, que o espirito tira sobre as idéas das cousas sensiveis, que percebeo pelos sentidos.

CAPITULO X.

DA IMMORTALIDADE DA ALMA HUMANA.

§. 31. *A alma humana he immortal.*

Prova. Ha propriedades na nossa alma, que se ella não viver para sempre, se tornão ociosas e inuteis: faculdades temos, que tem toda a relação com a eternidade ou perpetui-

dade: ora, Deos como Author da natureza, não podia dar a hum ente, que creou qualidades que não tendessem a seu fim. Temos potencia para amar e desejar sem fim; temos hum entendimento com capacidade de se desenvolver sempre; hum desejo de nunca acabar huma idéa de immortalidade nos occupa; pensamento este, que Cicero até chama innato no homem. ¿ Quem, á excepção de hum furioso apaixonado, deseja acabar sua existencia: e para que crear Deos estas capacidades que se não devem exercitar, como requerem por sua natureza? Se Deos creasse o Sol com natureza de dar huma forte luz, e elle só espalhasse hum sombrio clarão; não seria a divindade bem infeliz na sua obra?

Não se diga que he bastante para fartar este desejo, e para premiar a virtude que no mundo foi opprimida; que Deos conceda huma segunda vida de felicidades depois d'esta; porêm temporaria: essa segunda vida seria verdadeiramente huma maior infelicidade, porque a idéa de que em certo tempo devia acabar, só servia para trazer a tristesa e o desgosto, e n'esse caso, não era essa segunda vida, huma felicidade tão perfeita como o desejo do coração humano: he o pensamento de Cicero — *Qui existimaverit se posse miserum esse, beatus non erit.* Logo, não he preciso interrogar a theologia n'este ponto, basta a razão para assegurar ao homem, que o Author da natureza, dando o pensamento da immortalidade a todos os homens, não os quiz illudir, nem atormentar.

CAPITULO XI.

DA ALMA BELLUINA.

§. 32. Não argumenta o philosopho só com a evidencia; muitas vezes segue a maior probabilidade, quando não póde descobrir mais; tal he a natureza d'esta these: *os brutos tem alma.*

He necessario destruir todo o argumento de analogia, e

por isso illiminar hum grande principio de logica, para não admittir a opinião da alma belluina: não ha no mundo ente algum que se possa comparar com os brutos, a não ser os homens, com quem elles tem alguma relação: os animaes irracionaes tem orgãos sensorios, no geral cinco, como nós; tem, como prova a anatomia, nervos, que só servem para levar ao cerebro os choques das cousas, que affectárão os orgãos externos; o mesmo se encontra nos homens: elles tem palladar na lingua, ouvem, e percebem as vozes, vêem as cousas, sentem o tacto: observamos n'elles actos que se não pódem de maneira alguma explicar pelas leis do mechanismo: como lembrança de cousas passadas; e por isso são susceptiveis de ensino, a mesmo a apprender acções que não lhes são naturaes: combinação de casos singulares; expectação de caso futuro: verdade he que nunca n'elles observamos acções filhas do entendimento, razão, e liberdade; pois se elles fossem como os homens dotados d'estas faculdades, terião invenção como elles: pelo contrario, sabemos que os homens adoptão os costumes que querem; fazem suas casas como lhes compraz, inventão linguas; pelo contrario, o modo de viver de cada especie de animaes, he o mesmo exactamente; quem vio o ninho de hum beija-flôr, vio, sem differença, todos os mais dos da mesma especie; quem ouvio cantar hum sabiá, ou ballar hum carneiro, ouvio todos. Concluimos que he muito provavel, que os brutos tenhão alma, não huma alma doutada de faculdades superiores, quaes as que caracterisão o ser de homem, porêm faculdades inferiores como as que possuimos.

FIM DA PSYCHOLOGIA.

* *

METAPHYSICA

PARTICULAR.

THEOLOGIA NATURAL.

CAPITULO I.

DA EXISTENCIA DE DEOS.

§. 1.º Theologia natural he a sciencia que trata de Deos, conhecido pela razão, sem soccorro da revelação.

Deos he o ente necessario, eterno, independente, doutado de todas as possiveis perfeiçoes illimitadas.

Argumentos methaphysicos, physicos, e moraes, provão a existencia de Deos.

CAPITULO II.

DEMONSTRAÇAÕ METHAPHYSICA DA EXISTENCIA DE DEOS.

§. 2.º Se existe ente contingente, existe ente necessario, (ont. prop. 37) porèm existe ente contingente. Logo existe o ente necessario.

Este argumento tem toda a força e evidencia, que póde a razão conhecer: provada em ontologia a impossibilidade de existir ente contingente, sem a existencia de hum ente necessario.

§. 3.º *Se existe alma humana, existe Deos.*

Porêm existe alma humana, (psychologia §. 24.) Logo existe Deos.

A proposição maior he clara: porque, ou a alma deve sua existencia a si mesmo, ou á materia, ou á Deos: a primeira hypothese está demonstrada que he absurda: a segunda igualmente, porque ninguem dá o que não tem: e o effeito se deve contar na causa, ou formal, ou emminentemente. Logo resta a terceira hypothese.

§. 4.º *A força de crear, prova a existencia de Deos.*

A força de crear, ou de fazer que entes passem do estado de possibilidade para a existencia, não se encontra nos entes contingentes do mundo, porque d'estes, os mais perfeitos são os homens, e não a tem; logo deve haver hum ente fóra do circulo dos contingentes, que a tenha; mas fóra dos contingentes, he o necessario. Logo a força de crear, prova a existencia do ente necessario.

§. 5.º *A união da alma e corpo, prova a existencia de Deos.*

Em nós mesmos conhecemos hum forte argumento de sua existencia: o nosso corpo está unido a nosso espirito, de sorte que, não obstante o imperio que este tem sobre aquelle, não está na sua vontade deixa-lo quando lhe parece; ora, esta união hypostatica, nem he obra do corpo, nem do espirito; do corpo, não, porque não póde nascer se não de hum principio activo; e elle he inerte: da alma não, porque se ella fizesse esta lei; muitas, e muitas vezes se dispensaria d'ella, quando soffre constrangida. Logo esta união he feita por hum ente superior a toda a natureza creada.

CAPITULO III.

A EXISTENCIA DE DEOS PHYSICAMENTE DEMONSTRADA.

§. 6.º A natureza toda, sua ordem estavel, sua elegancia, as leis certas, que ella segue em tão diversos sentidos, sem comtudo ser ente intelligente; tudo isto nos aponta, como

á dedo, hum creador de intelligencia infinita. Não cabe na miniatura d'esta obra fazer huma larga desertação sobre o grande espectaculo do universo.

Scholio. Contra isto, talvez diga o athêo: muito mal, e muita cousa nociva apparece no mundo; ao que respondo: tres especies de males se podem conhecer nos entes da natureza: mal methaphysico, he a limitação dos entes creados: já se vê que só o typo de creatura o limita e faz dependente, e por consequencia, he impossivel haver outro ente, excepto Deos, que não padeça este mal; o que até entra na sua essencia: portanto, este mal nada argumenta contra a divindade.

Mal moral he a transgressão da lei; este mal he verdadeiro e real; mortes, roubos, ingratidoes, etc.; mas só do homem nasce, pelo máo uso que faz da preciosa liberdade, que lhe outorgou a omnipotencia: quando eu dou ao meu amigo huma somma de dinheiro, para elle com ella fazer sua fortuna, e de sua familia, não fiz mais que huma boa acção; ainda que elle depois se vá de todo arruinar com o máo uso, que faz d'ella.

Mal physico são aquellas cousas que na natureza corporea encommodão o homem: animaes venenosos, fome, sêde, etc.: com razão eu responderia ao athêo, que exprobasse a sabedoria divina: o mundo não he hoje melhor; porque não offerecestes á tempo o teu plano á divindade; porêm respondamos alguma cousa com a razão. Se o *homem livre* he destinado para huma eternidade, a dôr, a fome, a sêde, são necessarias para elle obtê-la; não admira portanto, que o Author da natureza negasse ao homem alguns commodos: depois, segundo o estado da natureza, a dôr he necessaria para a conservação de nosso physico, ella me adverte do que he nocivo, e me faz fugir para o que he util: se eu não experimentasse a dôr que causa a ponta de hum alfinete, cravaria em mim hum punhal por ignorante.

CAPITULO IV.

ARGUMENTOS MORAES DA EXISTENCIA DE DEOS.

§. 7.º A opinião universal de todo o mundo que adora e reconhece hum ente divino, omnipotente, creador. Por mais barbara que seja a nação, quanto a substancia d'esta idéa he concorde com o resto do mundo civilisado: não he hum prejuizo popular, porque taes erros se desvanecem á proporção que se augmentão os conhecimentos humanos: consulte-se em logica os caracteres do senso commum da natureza, e conhecer-se-ha que esta opinião geral gosa d'esse caracter.

Scholio. Destruida a idéa de Deos, a sociedade humana não subsistiria: principios de lei natural, idéa de virtude, de vicio, justiça, injustiça, decencia, consciencia, tudo perderia sua significação: huma republica de athêos, he huma quiméra: sim, eu direi com Voltaire: — Se não existisse hum Deos, seria necessario inventa-lo. —

CAPITULO V.

ATTRIBUTOS DE DEOS.

§. 8.º Os erros do polytheismo tem atacado a unidade de Deos: os maniquêos estabelecêrão dous principios eternos, e igualmente omnipotentes: hum author do bem, outro do mal: este systêma he contradictorio comsigo mesmo: ou elles são iguaes em poder, ou não: se iguaes, cada hum empregando toda a sua força, se impedirião mutuamente de obrar; se desiguaes, o mais forte não deixaria o mais fraco obrar: no primeiro caso não haveria, nem bem, nem mal; no segundo, ou só bem, ou só mal: não se póde dizer, que entre elles havia alliança, ou pacto; porque o ente bom por essencia, não poderia contractar com o ente máo; e este da mesma sorte.

§. 9.º *Sciencia divina* he o simples acto com que a om-

nipotencia percebe tudo que póde ser objecto de conhecimento. A sciencia do homem he humas vezes intuitiva, e outras discursiva; mas a de Deos he sempre intuitiva: pois o uso do raciocinio funda-se na ignorancia.

§. 10. *Previsão divina* he o conhecimento que Deos tem do futuro.

A previsão de Deos, e a liberdade humana, são duas proposições que, olhadas separadamente, não tem difficuldade alguma; mas comparadas, fez que Cicero negasse a previsão para conceder a liberdade, e que Calvino negasse a liberdade, para conceber a previsão: ora, quer a conclusão de Cicero, quer a de Calvino, são injustas, porque ainda que não podesse conciliar duas theses entre si, se em cada huma d'ellas conheço evidencia, já não posso duvidar d'ellas; e á limitação de minha razão, devo attribuir á ignorancia do nexo que póde haver entre ellas: comtudo esta combinação, não he tão escura que não a entendamos de alguma sorte.

Previsão he sciencia do futuro: de *nada* não se dá sciencia; logo toda a sciencia exige algum objecto: ora, este objecto deve preceder á sciencia ou conhecimento; porque ao contrario, diriamos que temos sciencia de huma cousa que ainda não percebemos; d'aqui nasce o muito conhecido axioma — *A sciencia não faz o objecto; mas o objecto he que faz a sciencia* —; e como a previsão he sciencia, segue-se que ella não he que faz os objectos previstos; mas os actos previstos, he que fazem a previsão, isto he, que a previsão de Deos não he que faz as acções livres do homem, nem as determina; mas ao contrario: portanto, Deos prevendo, não faz mais que conhecer: quando eu prevejo o que qualquer hirá fazer, meu conhecimento nada influe na sua acção; o mesmo acontece á Deos em respeito aos homens.

Nada destróe este argumento, quando se diga — Deos teve sciencia de objectos que ainda não existião: tudo a Deos he presente, e para Elle não ha successão de passado, presente, e futuro: logo o que Deos previo, he verdade que não póde

deixar de acontecer; mas não ha-de acontecer, *porque* Elle previo; porém Elle previo, *porque* havia de acontecer.

CAPITULO VI.

DA RELIGIÃO NATURAL.

§. 11. He tão geral a idéa de Deos, como a do culto interno e externo, que se lhe tributa. A razão só, entregue a si mesma, desenvolve os principios da lei natural, dictames de costumes, obrigações geraes e pessoaes da humanidade: a idéa de hum creador, consequentemente traz o pensamento de gratidão, de subordinação, que lhe he devida: este pensamento he encontrado no meio dos povos mais selvagens: devemos comtudo confessar a necessidade da religião revelada, pois que o homem, não obstante ser racional, as paixões o dominão; elle se distráe para outros lados, e se esquece de apprender com a sua razão, os deveres que lhe incumbem: a ignorancia culpavel domina a maior parte dos homens, e n'este estado, a revelação he util e necessaria para ajudar ao homem a conhecer os deveres que tem a desempenhar para com seu creador, seu proximo, e para comsigo mesmo.

FIM.

Rio de Janeiro. Typ. de R. OGIER & C., ruas do Rozario n. 84, e do Hospicio n. 51.